



sobre/about mutsaz

Mutirão da Gambiarra é uma iniciativa de produção editorial colaborativa, articulada prioritariamente via internet. Agrega diferentes perspectivas acerca do diálogo entre tecnologias de informação e comunicação e a sociedade, ao mesmo tempo em que aplica os conceitos da desconstrução e da apropriação de tecnologias. O material que dá origem a tais obras é resultante das iniciativas da Rede Metareciclagem, formada por pessoas e organizações em todo o Brasil.

Mutsaz é uma publicação trimestral, voltada para pesquisa e documentação da Rede sincronizadas com as estações do ano, focadas sempre na realidade mundo_meta. As edições agregam produções mensais da MetaReciclagem.

Saiba mais em <http://mutirao.metareciclagem.org>



Conselho Editorial:

Maira Begalli

Felipe Fonseca

Daniel Pádua

Hernani Dimantas

Orlando da Silva

Teia Camargo

Revisão:

Mariel Zasso

Projeto Gráfico:

Sília Moan



trombeta

veredas

weblab



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

<dezembro 2009>

por maira begalli

Dezembro, mês que encerra o ano e que inicia o verão.

Época de tempo novo e tempo velho, de ciclos e reciclagens.

Citando promessas para o futuro e ações propositivas metarecicleiras [1] de ano novo, vale linkar o debate sobre Lixo Eletrônico realizado na Matilha Cultural [2] e a atuação do Grupo de Trabalho sobre a Gestão de Resíduos Tecnológicos durante o IV Congresso da CiberSociedade[3], que suscitou discussões sobre a tecnologia, seus impactos socioambientais e ilusões fetichizadas[4].

Falando sobre mídias livres (...) aconteceu entre os dias 4 e 6 de dezembro, em Vitória, o II Fórum Nacional de Mídia Livre. MetaReciclagem foi convidada como Ponto de Mídia Livre premiada no editorial nacional. Entretanto, as passagens chegaram tarde, assim como para as redes parceiras Des).(centro e Estúdio Livre. Consequentemente não pudemos participar da construção das propostas que embasariam a Confecom.

Entre meios e mensagens, hardwares e softwares, surge a frequente pergunta: A rede é livre?

Nesses fluxos de fim, recomeço e incertezas, abrimos a chamada para colaborações da #mutsaz! entre 15 e 18 de dezembro. Nos links acima, encontram-se algumas sugestões de temas e reflexões que estiveram presentes na Rede nos últimos dias.

[1] <http://www.macondocircus.com/tags/metareciclagem-digital/>

[2] <http://lixoeltronico.org/blog/debate-do-lixo-eletronico-no-matilha-participe>

[3]<http://www.lixoeltronico.org/blog/gt-no-congresso-gestao-de-residuos-eletro-eletronicos-e-processo-complexo-que-envolve-diferente>

[4]<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/derspiegel/2009/12/05/ult2682u1416.jhtm>

[5]<http://www.forumdemidialivre.org/>

[6]<http://www.confecom.com.br/>

[7]<http://idgnow.uol.com.br/telecom/2009/12/02/rio-de-janeiro-inaugura-projeto-para-levar-web-de-graca-a-1-7-milhao/>

listagem disponível em: <http://rede.metareciclagem.org/wiki/MutiraoDezembroPosts>

Verão 2009/2010 Dezembro-Janeiro-Fevereiro

autorxs:

Bicarato

Flavia Cremonesi

Dalton Martins

Guima

Dani Matielo

Hudson

Daniel Duende

Mabegalli

Dasilvaorg

Mariwell

Drica Veloso

Midialivre

Dpadua

Rbailux

Efeefe

Ricardo brazileiro

Felipe andueza

Tati prado

Blogue MidiaLivre

em http://midialivre.wordpress.com/2009/12/06/pinceladas_02/

pinceladas_02

"Que a maquina de producao de subjetividade esteja encarnada em produzir subjetividades mendicantes e projetistas já sabemos, o que não podemos tolerar é que os tais midia livristas (nome feio pra caralho) não se dêem conta dessa condição de escravidão e doação constante de signos, sentidos, conceitos, em troca de migalha!!"

Fabiane Borges

. \MANIFESTO DELETE SE

*aberto para cópia, remix e delete
em <http://midialivre.wordpress.com/2009/12/16/>

. \MANIFESTO

DELETE SE

e dos cúbiculos-compartimentados, lan houses e periferia

s a revolução moral dos princípios invisíveis saltam interfaces que perfuram lugares, são as.

>>diluem-se fronteiras pós-geográficas.
nacionais.

o mundo de metal e concreto transa com não-objetos. noutras plataformas,

eis, criam projetos, idéias, serviços, artes e softwares \motores sociais a estética da sociedade da informação se estampa na paisagem. natureza já enraizada.

pós-industrial. pós-midiademaSSA. faz um desenho infoestético de geometria três dê. tocamos a informação. tocamos de longe em imagens do cenário.

imagem reais. imagens internas. fascínio. fissura. "viver sem fronteiras".

>a crise dos mediadores, os suportes, chora e se reinventa. novos sistemas. caóticos ainda. natureza metálica de essemble. natureza das formigas. dos cálculos naturais. sequenciados.

. \MANIFESTO DELETE SE

*aberto para cópia, remix e delete
em <http://midialivre.wordpress.com/2009/12/16/>

. \MANIFESTO

... . . .
traz à tona o indivíduo semi-deus do upload, da
inteligência coletiva viva em rede, . . .
das identidades fragmentárias.
. a revolução acontece cúmplice das mudas teclas.
datilo-mudanças.
os botões dizem sim ou
não.
. as máquinas fazem zero ou hum. datilo-mu(n)
danças.
>as TV's serão desligadas. trocadas, fundidas,
convergidas. :
pequenas telas móveis, imensas quase-
holográficas.
quadradas que cabem em retângulos ainda
?>irreal magia insurge como possibilidade real.
ah deus é anarco, sim. fé no quê?
no que cremos. ainda acreditamos em serviços
grátis!!
a vida é dura mas tem mídia grátis.
rá!!!
\ALUGUEM SUAS TELAS!
elas já são indoors comerciais. invasivos.
domésticos. e serão cyborgs. sujeitos!
\ALUGUEM SUAS TELAS!
vive a crise sistêmica e ecológica, o homem metal-
natural se perde e se encontra
a rede atua. a rede dirige.
o usuário deve receber para assistir. >é a troca
pela invasão do monopólio na privacidade.

. \MANIFESTO DELETE SE

*aberto para cópia, remix e delete
em <http://midialivre.wordpress.com/2009/12/16/>

. \MANIFESTO

querem seus logs, seu rastro. ! sua vida

pois, querem suas imagens.

\ALUGUEM SUAS TELAS!

:peça o seu troco e muito obrigado.

não se contente com as migalhas. com imagens e

\ALUGUEM SUAS

atenção é o poder dos monopólios.

dispersão. pouca explicação.

o consumo da imagem é fugaz efêmero. hipnotiza. imagens dentro.

>o computador é o nó. a rede, o rizoma.
na matriz. o arquivo duplicado. o mundo

: só se respira o fluxo. o processo.>

os amores são líquidos, escorrem pelos dedos. as relações também.

>o sujeito é o nó. a sociedade, o

emerge a estética low-fi amadora. !dos amantes.

submersos na estufa xingling de artefatos chineses. variados.
koreanos.

.enforcaram saddam hussein. um celular filmou. a CNN NÃO!!
vivemos o descentro. os estados persistem. as megacorporações mais.
as fronteiras se testam.

>>some a cultura de massa.

>sobe a cultura-em-massa. viral.
privada social

. \MANIFESTO DELETE SE

*aberto para cópia, remix e delete
em <http://midialivre.wordpress.com/2009/12/16/>

. \MANIFESTO

: abaixo a cultura superior e elitizada. !
cultura é pan.
não é spam! spiced ham.
email são mídias. mídias são intervenções.
revoluções.
cinco anos faz algo revolucionário um reacionário
-o google quer a sua vida. algoritmo.
mapeado.
a microsoft quer você escravizado. produto
casado. salta a sua janela. quadrado.
.a tecnologia é fetiche. fascínio. windows.
a tecnologia como suporte. aponta declínios.
muitos.
: explodam os backbones. se apropriem.
criem nuvens de internet. cidades digitais.
livres!!
\LUTEM!! LUTEM !! pela liberdade dos códigos.
#e pelo saque das infos. apropriações.
conteúdos, palavras, sons, vídeos e softwares.
cultura sem lei, cultura sem dono.
>crise da tela pra frente. crise da tela pra
trás.
essas interfaces. quadradas. estão no meio.
a mídia nunca pede
desculpa.
está sempre de cara lavada no boa noite do jornal
e nos beijos das novelas
\SAQUEIEM!! DESMACHEM!!
os geógrafos serão os filósofos do nosso

. \MANIFESTO DELETE SE

*aberto para cópia, remix e delete
em <http://midialivre.wordpress.com/2009/12/16/>

. \MANIFESTO

os programadores os construtores tecno-visionários. sabem
premonições.

um sopro das tradições dos hackers
!!desapropriem o reino dos materiais intangíveis.
compartilhe. roube e usufrua.
as bulinhas são dos crackers
:proliferam-se as comunidades fugazes,
mesmas pessoas, diferentes lugares. mesmas pessoas,
diferentes avatares.

>>são sopros. são rodas. são

o usuário é um medium. !o pai-de-santo
>desce os orixás nas poesia das máquinas, dos batuques. das
rodas.

orquestram as danças e mandingas do terreiro virtual.
;acendam suas velas. liguam-se as

o ritual é uma nau. no oceano sem dono.

>o usuário é um médium. uma mídia.

>>ser a mídia.

dos profundos eus em

usem os mediadores e depois não agradeçam.
servidores não são de graça. querem algo valioso.
>>você. desista.

DELETE

os terreiros se calam e as discussões estão mortas ou
viciadas.

Inclusão Digital, Redes Sociais e o Programa Acessa Escola

original em <http://daltonmartins.blogspot.com/2009/12/inclusao-digital-redes-sociais-e-o.html>

por Dalton Martins

Segundo Drica Guzzi, a grande questão que está se formando é a capacidade educativa e cultural de se usar a Internet. Uma vez que toda a informação está na rede ou seja, o conhecimento codificado, mas não aquele de que se necessita, trata-se antes de saber onde está a informação, como buscá-la, como transformá-la em conhecimento específico para se fazer aquilo que se quer fazer.

É essa capacidade de aprender a aprender; essa capacidade de saber o que fazer com que se aprende; essa capacidade é socialmente desigual e está ligada à origem social, à origem familiar, ao nível cultural, ao nível de educação. É aí que está, empiricamente falando, a divisória digital nesse momento. (CASTELLS, 2003, p. 367)

Está cada vez mais evidente que quando falamos de Inclusão Digital estamos falando de diferentes níveis de complexidades.

São diversos os desafios de uma política pública que atue a partir desses princípios, sobretudo por articular suas estruturas de gestão às redes sociais emergentes de uma ação de inclusão digital. Um dos principais desafios no desenvolvimento de um processo de participação pública consiste em que o governo tenha uma visão holística, integrada ao ciclo de vida da elaboração de projetos e desenvolva tecnologias capazes de dar suporte ao processo de informar, consultar, participar, analisar, promover o feedback e a avaliação (GUZZI, 2006).

Inclusão Digital, Redes Sociais e o Programa Acessa Escola

A visão holística consiste num conjunto integrado de dispositivos que possam ser efetivamente utilizados pela política pública para a constituição de um programa de inclusão digital que seja pautado pelos princípios da livre apropriação da tecnologia e da ativação de redes sociais. Apresentamos a seguir, a ecologia de dispositivos do laboratório WebLab da Escola do Futuro – USP, utilizada para o programa Acessa Escola.

A ecologia de dispositivos representa o amadurecimento de 9 anos de experiências da equipe do Laboratório em construção de políticas públicas de inclusão digital em diferentes instâncias governamentais: municípios (Parque Digital-Santo André, Telecentros-São Paulo, MetaReciclagem-Sorocaba, Jovem.com-Campinas), estado (Acessa SP-São Paulo, Juventude SP- São Paulo) e federação (Cultura Digital-Ministério da Cultura, HumanizaSUS - Ministério da Saúde). É um sistema complexo, levando-se em consideração várias frentes de atuação que se alimentam e retroalimentam formando uma rede de ações que não podem ser entendidas de forma isolada, mas no contexto e na reflexão de seu efeito sobre a parte no todo e do todo na parte, criando interfaces de informação, gestão e emergência de padrões em rede.

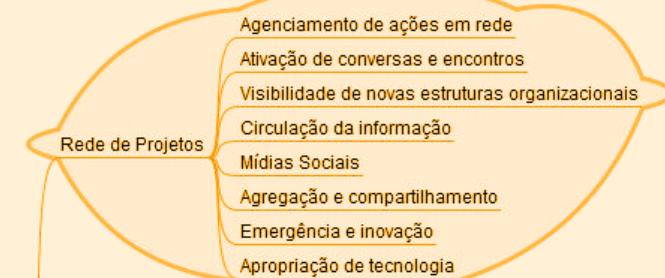
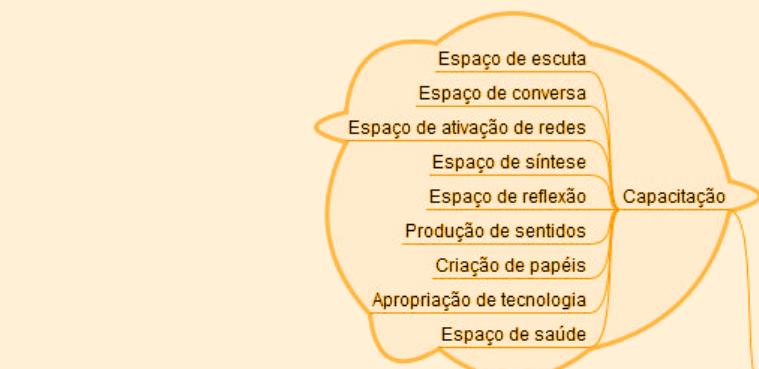
A Capacitação é um dispositivo voltado para o contato com os estagiários do ensino médio, os participantes do programa que operam as Salas de Internet, criando um espaço de conversas, de escuta, de compartilhamento de experiências, de produção de sentidos como um vetor que orienta e alinha as ações executivas do programa em torno da emergência de compreensões comuns e compartilhadas de metas e objetivos. É também um espaço de ativação de redes, por proporcionar o encontro presencial entre estagiários de diversas escolas e diversas regiões por onde o programa vem sendo implantado.

Inclusão Digital, Redes Sociais e o Programa Acessa Escola

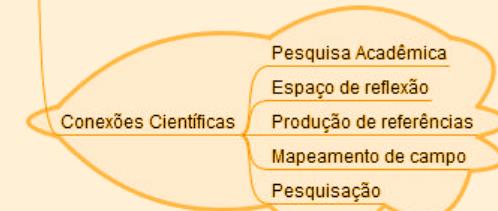
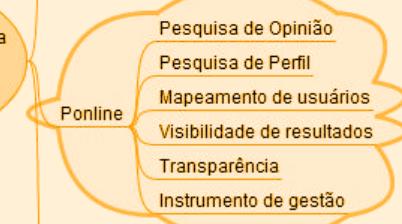
por Dalton Martins

Inclusão Digital, Redes Sociais e o Programa Acessa Escola

Ecologia de dispositivos de política pública de inclusão digital



Dispositivos de Política Pública
de Inclusão Digital
WebLab.tk



Inclusão Digital, Redes Sociais e o Programa Acessa Escola

original em <http://daltonmartins.blogspot.com/2009/12/inclusao-digital-redes-sociais-e-o.html>

por Dalton Martins

Como espaço de ativação de redes, a capacitação catalisa e amplia o campo de contato na internet, entre os estagiários. É um elemento fundamental, aproveitado pela Internet e Comunicação como gerador de interesse para que os estagiários possam se ver refletidos nas mídias sociais (Site do Acessa Escola, Orkut, Flickr, Youtube, Twitter e Facebook) do programa, através da produção de imagens, vídeos e textos sobre a capacitação em que os mesmos participaram, além da produção contínua de pautas específicas sobre os temas de interesse do programa: internet, educação, tecnologia e inclusão digital. As informações que sintetizam essas ações de rede são coletadas, analisadas e circulam pelos diferentes atores do programa através das ações de Webanalítica e dos informativos semanais da Operação Web.

Ações que utilizam os espaços das mídias sociais para construção de projetos e apropriação da tecnologia das Salas de Internet para além das possibilidades do acesso livre são canalizadas via Rede de Projetos, um dispositivo que se alimenta de todas as informações e ações conversas geradas pela Capacitação e Internet e Comunicação como elementos de ativação de redes. É o espaço onde usuários do programa, sejam professores, alunos ou funcionários, podem contar suas experiências, encontrar apoio e suporte para executar ideias, construir projetos, divulgar resultados, além de um espaço para emergência de novas possibilidades de uso e apropriação do programa para ações inusitadas, inesperadas, criativas.

Inclusão Digital, Redes Sociais e o Programa Acessa Escola

Como os usuários efetivamente estão se apropriando da tecnologia das salas de Internet, como é o seu comportamento em rede e o que pensam sobre o programa é uma área que é abordada pela PONLINE, uma ação de pesquisa online com os usuários frequentadores do programa. E junto com todas as informações pelos dispositivos mencionadas, há a área de Conexões Científicas criando um campo de análise e produção de conhecimento acadêmica sobre o programa e para o programa.

Essa é uma possível leitura das interfaces que são oferecidas pelos dispositivos de inclusão digital, outras são possíveis, possibilitando novas ações, melhorias e o desenvolvimento do próprio programa em seu fazer e refazer contínuo.

GT no Congresso

original em <http://www.lixoelectronico.org/blog/gt-no-congresso-gestao-de-residuos-eletro-eletronicos-e-processo>

por Dani Matielo

No dia 29/11, foi encerrado o IV Congresso da CiberSociedade[1], no qual participamos por meio da organização de um grupo de trabalho[2] sobre a gestão de resíduos tecnológicos, junto à Rede MetaReciclagem [3] e o coletivo Obsoletos.org[4]. Abaixo, um resumo das comunicações que recebemos, dos debates e conclusões.

Em "Maquinaria pesada"[10], Flavia trata da questão do ponto de vista da responsabilidade do Estado e explica a legislação internacional de exportação de resíduos perigosos, explorando as diferentes soluções, propostas e já colocadas em prática, com foco principalmente nas experiências Latinoamericanas.

Comunicações recebidas: é importante atentar para todo o ciclo.

Nosso grupo recebeu comunicações em diversos formatos [5], que enfocavam diferentes questões relacionadas à gestão dos resíduos tecnológicos e abordavam o tema a partir de distintos pontos de vista. Desde introduções mais gerais à questão, como o artigo "Lixo Eletrônico"[6], de Felipe Fonseca[7], até aproximações mais subjetivas, como o vídeo "Sinfonia do Fronte"[8], produzido pelo Núcleo Editorial Multirão da Gambiarra, e que retrata a degradação do centro de São Paulo, os trabalhos enviados expõe o problema de maneira contundente e, mais do que um convite à reflexão, fazem uma exigência de ação por parte de todos os atores envolvidos, sejam eles empresas, ONGs, governos ou consumidores.

A série de artigos elaborada por Flavia Fascendini traz uma extensa reflexão sobre o tema, começando por contextualizar a problemática no artigo "A relatividade do fim: desafiar a armadilha do consumismo"[9], em que faz uma revisão abordando a questão do consumo, da reciclagem, do descarte e da reutilização e usa como referências experiências na América Latina e nos EUA.

Em seu terceiro artigo, "Fundação Equidad"[11], ela oferece um aprofundamento em um caso de sucesso, por meio de uma entrevista com os dirigentes da ONG argentina, que nos últimos 5 anos já doou 3000 computadores recondicionados a quase 400 escolas e organizações sociais do país. Por último, em "O potencial do Descarte"[12], Flavia termina mostrando as muitas potencialidades do estabelecimento de um ciclo virtuoso entre empresas, organizações sociais, Estado e cidadãos que promova a inclusão e gere oportunidades a partir de uma gestão sustentável dos resíduos eletrônicos.

GT no Congresso

Para atingir esse ponto, entretanto, é necessário atuar não só na gestão dos resíduos, mas também em toda a cadeia de produção desses dispositivos, que apresenta problemas desde os pontos mais baixos, como a extração da columbita e tantalita, também conhecido como "coltan", e que são matérias primas para a produção de celulares e laptops, até a forma como são desenhados os novos aparelhos, que consomem cada vez mais material e exigem uma atualização constante, sem se preocupar em utilizar matérias primas mais facilmente recicláveis e que tenham um impacto menor no meio ambiente. A comunicação "Coltan e sangue"[13], de Denis Rojo, faz uma radiografia da preocupante situação do Congo, que possui 80% das reservas mundiais de coltan, e que vive hoje uma guerra civil patrocinada por empresas interessadas na mineração, que trocam "ajuda humanitária" pela possibilidade de explorar essas reservas.

A produção de dispositivos eletrônicos também é abordada no texto de James Wallbank, "Manifesto pelo Laptop de Zero Dólares"[14]. O artigo contrapõe a proposta de produzir uma enorme quantidade de dispositivos a custo baixo, idealizada por Nicholas Negroponte em seu projeto "US\$100 Laptop"[15], que depois virou "One Laptop per Child", propondo o uso criativo e educacional da tecnologia considerada obsoleta, por meio da reutilização: afinal, porque produzir todos esses computadores e não reaproveitar o que já existe, usando software livre?

Tim Tang, em sua comunicação "Por que reciclar não é o suficiente e como eliminar os resíduos eletrônicos?"[16], também aborda o tema da manufatura de eletrônicos, falando sobre a gigantesca produção e consumo ocorrida nos últimos anos, principalmente nos países desenvolvidos. Nesse contexto, apesar do desenvolvimento paralelo de um discurso sobre "reciclagem" desses computadores, o que ocorreu na prática foi a exportação de quantidades inimagináveis de resíduos enviados para a China, por exemplo. Tim mostra que a extração de metais

preciosos desses resíduos tem uma rentabilidade muito maior do que alternativas mais sustentáveis e menos nocivas, o que acaba por resultar em uma falta de atenção das autoridades em países em desenvolvimento. O problema também se agrava com o fato de que muitas famílias nas regiões de despejo desses resíduos, dependem do processo de "mineração" para sobreviver – mesmo sabendo dos imensos riscos para a saúde. Tim também fala que uma possibilidade de diminuir a pressão para a compra de novas máquinas, na busca de um maior desempenho, seria explorar as possibilidades de melhorar esse desempenho com uma otimização dos programas utilizados.

A comunicação "Público Eletrônico"[17], de Teia Camargo et al., complementa o quadro, demonstrando os diferentes materiais e componentes químicos presentes no lixo eletrônico, e seus efeitos para o meio ambiente e a saúde. A comunicação termina propondo uma rede de gestão desses resíduos por meio de um sistema online, onde usuários, ONGs e empresas poderiam cadastrar suas necessidades de coleta ou doação, que seriam georeferenciadas e organizadas em um mapa.

Entretanto, para colocar em prática qualquer uma das idéias propostas, é necessário conscientizar os diferentes atores e trazer a discussão para o espaço público. Segundo o artigo "Notas de campo: Lixo eletrônico e MetaReciclagem"[18], de Felipe Fonseca e Daniela Matiello [19], foi esse o objetivo do lançamento do Manifesto do Lixo Eletrônico[20] no Brasil, uma petição online com o objetivo de re-introduzir os resíduos eletro-eletrônicos na Política Nacional dos Resíduos Sólidos.

GT no Congresso

Os debates: nem tudo o que se descarta é lixo.

As conversas em nossos fóruns não foram muito extensas, porém os comentários nas diversas comunicações apontaram para a necessidade de buscar uma solução que não contemplasse apenas os fatores econômicos e ambientais do problema, mas também as inúmeras questões sociais relacionadas com a gestão do ciclo de produção de eletro-eletrônicos.

Assim, por exemplo, na discussão da comunicação[21] de Tim Tang, Andueza e Fonseca apontaram que, apesar da exportação de sucata eletrônica para países em desenvolvimento ser uma questão delicada, não se deve descartar as grandes possibilidades de reutilização dos aparelhos para educação e arte, e que essa reutilização é essencial para que o ciclo não seja linear. Fonseca sugeriu o vídeo "The story of stuff"[22] como referência.

Além disso, na discussão de "Coltan e sangue"[23], também apareceu a preocupação de que, apesar de necessária e urgente, a mobilização online e o protesto não serão suficientes para solucionar os conflitos, uma vez que a probabilidade das pessoas diminuírem o consumo a ponto de que não haja a necessidade de extração no Congo é muito pequena, e que portanto é essencial atuar também na parte de desenho dos dispositivos. Haveria algum material que pudesse substituir o Coltan nesse contexto?

No debate da comunicação sobre o Laptop de zero dólares[24], David Gómez ressaltou que muitas vezes impomos a categoria "lixo" a uma coisa que ainda não é lixo, e que chamamos de "obsoleto" dispositivos que ainda tem muito potencial. E que a cada dia que passa, a "qualidade" dos laptops de zero dólares que estão sendo descartados fica "melhor". A discussão continuou em um post no Wlog de HKp: "¿Qué es basura? Es malo el reciclaje? Las 7 vidas de los

aparatos"[25].

Também tivemos, no fórum, a repercussão da recente decisão do governo brasileiro de re-inserir os eletrônicos na política nacional dos resíduos sólidos, tanto na discussão sobre o vídeo "Público eletrônico[26]" como em "Notas de campo"[27]. Por último, a discussão sobre os artigos de Flavia Fassendini [28] também inspirou uma troca interessante de mensagens, ainda mais interessante por ocorrer em três línguas diferentes: português, castelhano e galego, sobre as responsabilidades dos diferentes atores e o fato de que as estratégias devem ser adaptadas ao contexto de cada lugar.

Além dos fóruns sobre as comunicações, nosso grupo também hospedou algumas "discussões de corredor", como a conversa [29] entre German Andres, da ONG Pensar Verde[30], da Colômbia, e José Antonio Casa, do Grupo de Trabalho sobre RAEE, no Peru, sobre a necessidade de revisar a classificação dos resíduos eletrônicos como "perigosos", uma vez que apesar de terem substâncias consideradas tóxicas, ele ainda são bem mais que um amontoado de materiais nocivos, pois além de representarem um acúmulo de conhecimento, armazenam informações importantes das empresas, questões que muitas vezes não são consideradas na hora de estabelecer uma legislação nacional sobre o tema.

GT no Congresso

Finalmente, tivemos nosso debate presencial[31], realizado na Matilha Cultural[32], em São Paulo, transmitido e gravado [33], com a participação de representantes de diversos setores ligados ao tema dos resíduos eletro-eletrônicos, que levantou muitos pontos interessantes que podem ser conferidos aqui[34].

Conclusões: não há conclusões.

A principal conclusão do Grupo de trabalho pode ser resumida na frase de Felipe Andueza ao final do debate na Matilha: ainda não há um conclusão sobre o assunto, e é urgente continuar a discussão.

Portanto, o debate segue aberto, e deve ser aberto cada vez mais. Ainda assim, alguns pontos centrais ficaram claros a partir das comunicações e debates acima, e acredito que merecem ser destacados, como base para a continuação da discussão:

* A rede de atores envolvidos com a produção de eletro-eletrônicos e decorrente gestão dos resíduos gerados é extensa e heterogênea, incluindo não só produtores de dispositivos, mas também designers, engenheiros, programadores, catadores de lixo, além dos governos e consumidores.

* É essencial abrir o debate, conscientizar e chamar esses atores para a discussão, dando visibilidade ao problema e à problemática relacionada aos resíduos eletrônicos. A Internet pode ser um canal poderoso para essa mobilização, criando redes e oferecendo ferramentas de atuação.

* As soluções não são massificadas e devem ser pensadas de acordo com cada contexto. Porém, é importante salientar que é essencial buscar soluções que contemplem o reuso, antes da reciclagem, uma vez que existe grande valor no material hoje em dia descartado, por um lado, e um grande potencial para a elaboração de estratégias de apropriação tecnológica, inclusão digital, experimentações artísticas, etc, de outro.

GT no Congresso

```
[1] http://www.cibersociedad.net/congres2009/
[2] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/gts/e-waste-management/48/
[3] http://rede.metareciclagem.org
[4] http://obsoletos.org
[5] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/llistat/gts/e-waste-management/48/
[6] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/lixo-eletrnico/767/
[7] http://eefefe.no-ip.org/
[8] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/sinfonia-do-fronte-produzido-pelo-nucleo-editorial-mutirao-da-gambierra/416/
[9] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/reciclagem-de-computadores-i---a-relatividade-do-fim-desafiar-a-armadilha-do-consumismo/368/
[10] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/reciclagem-de-computadores-ii---maquinaria-pesada/369/
[11] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/reciclagem-de-computadores-iii---nosso-sonho-e-que-se-possa-articular-um-programa-nacional-de-recondicionamento/370/
[12] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/reciclagem-de-computadores-iv---o-potencial-do-descarte/371/
[13] http://www.cibersociedad.net/congres2009/docs/coltan_and_blood.pdf
[14] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/zero-dollar-laptop-manifesto/810/
[15] http://laptop.org/
[16] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/why-recycle-is-not-good-enough-and-how-to-eliminate-e-waste/463/
[17] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/publico--eletrnico/952/
[18] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/coms/notes-from-the-field-e-waste-in-brasil---lixo-eletrnico-and-metareciclagem/766/
[19] http://dacamat.com.br/
[20] http://www.lixoeletronico.org/manifesto
[21] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/why-recycle-is-not-good-enough-and-how-to-eliminate-e-waste/268/
[22] http://www.storyofstuff.com/
[23] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/coltan-and-blood/273/
[24] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/zero-dollar-laptop-manifesto/271/
[25] http://enlloc.net/hkp/w/index.php?Wlog:%C2%BFQu%C3%A9s_basura%3F_%C2%BFEs_malo_el_reciclaje%3F_Las_7_vidas_de_los_aparatos/es
[26] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/publico--eletrnico/272/
[27] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/notes-from-the-field-e-waste-in-brasil---lixo-eletrnico-and-metareciclagem/269/
[28] http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/reciclagem-de-computadores-i---a-relatividade-do-fim-desafiar-a-armadilha-do-consumismo/264/
```

GT no Congresso

[29]<http://www.cibersociedad.net/congres2009/po/forums/posts/los-residuos-electronicos-en-colombia-activo-o-residuos-peligrosos/705/>
[30]<http://www.pensarverde.org/>
[31]<http://www.lixoelétrônico.org/blog/debate-do-lixo-elétrônico-no-matilha-participe>
[32]<http://matilhacultural.com.br/>
[33]<http://www.ustream.tv/channel/lixoelétrônico>
[34]<http://www.lixoelétrônico.org/blog/debate-no-matilha-questoes>

Lixo eletrônico e lablabs

em <http://dacamat.com.br/drupal/content/lixo-eletronico-e-lablab>

por Dani Matielo

Tenho dois posts atrasados para escrever (um sobre o Congresso de Community Informatics[1], que fui no começo de novembro, e outro sobre o PDF Europe[2]), mas hoje termina o prazo pra participar do #Mutsaz e decidi escrever sobre algumas coisas sobre as quais venho pensando, embalada pelas conclusões do nosso GT no Congresso da CiberSociedade[3].

A reflexão, efetivamente, linka diversos assuntos sobre os quais tenho falado ultimamente: inclusão digital, resíduos tecnológicos e lablabs. A idéia do lablab surgiu num papo recortado com o efeefe[4] no Gtalk outro dia, porque ele tem escrito sobre Medialabs (aqui [5] e aqui[6]), e eu falei que sou fascinada pelo Citilab[7] de Cornellà e que acho uma das iniciativas mais interessantes que estão rolando por aqui. E também porque faz um tempo estava rolando um papo sobre Fablabs...[8], que tem em comum essa idéia de "lab" e que no fundo são laboratórios de laboratórios: projetos experimentais de projetos experimentais. E tudo bem que nem todas as iniciativas de lablabs são interessantes, que o pessoal às vezes se empolga demais com a alta tecnologia e vira uma coisa até fetichista, no caminho contrário do que estamos pensando, mas por outro lado, eu acho o conceito de laboratório muito interessante como espaço de invenção, construção de imaginários e desenvolvimento de fórmulas e habilidades...

Lixo eletrônico e lablabs

Gosto da imagem do cientista louco, rodeado por vidrinhos (eu sei que a maioria do pessoal por aí prefere a imagem do professor Pardal, mas minha mãe é química e minha referência é mais aquela dos tubinhos e das substâncias que misturadas mudam de cor, evaporam, borbulham...) enfim, resumindo: um espaço em que se explora idéias e no qual você pode ter contato direto com a realidade das transformações (tão diferente das salas de aula...)

Daí que, por outro lado, temos esse problema da tecnologia: vejam só, ela quebra. Ela não funciona. Ela assusta! E, sejamos realistas, ela fica obsoleta... mas bem mais lentamente do que imaginamos. E é aqui que as coisas se cruzam: e se tivéssemos laboratórios que experimentassem com a tecnologia de uma maneira que contribuísse para que ela durasse mais? (Re-instalando sistemas operacionais, substituindo peças, trocando acessórios...) Ok, nada de novo, mas espera. E se esse trabalho fosse feito por aprendizes, que estão ao mesmo tempo se divertindo e aprendendo um ofício? Mas e se esse trabalho fosse feito gratuitamente por esses alunos, mas em computadores vendidos por preços muito baixos, "com garantia de reparo"? Deu pra sentir por onde estou indo?...

E tudo isso porque temos várias questões pra resolver: a relação com a tecnologia e a apropriação são diferentes quando não tem hora de acabar, quando ela é sua. Porque precisamos solucionar a questão da sustentabilidade, então não dá pra ficar eternamente no custo zero/ganho zero. Porque, ninguém fala, mas não adianta vender a tecnologia a preço de banana sem uma rede de suporte, e sim, porque o mundo precisa urgentemente[9] que a gente pare de pensar em seja lá o que for, sem pensar AO MESMO TEMPO que fazemos parte de um sistema que não é infinito.



[1]<http://www.ccnr.net/prato2009>

[2]<http://personaldemocracy.com/europe>

[3]<http://www.lixoelectronico.org/blog/gt-no-congresso-gestao-de-residuos-eletro-eletronicos-e-processo-complexo-que-envolve-diferente>

[4]<http://eefefe.no-ip.org/>

[5]<http://desvio.weblab.tk/blog/medialabs-pra-qu%C3%A3-mesmo-1>

[6]<http://desvio.weblab.tk/blog/medialabs-pra-qu%C3%A3-mesmo-2>

[7]<http://citilab.eu/>

[8]http://en.wikipedia.org/wiki/Fab_lab

[9]<http://en.cop15.dk/>

Resistência em ser Organização

<http://reacesso.webnos.org/2009/12/15/resistencia-em-ser-organizacao/>

por Dasilvaorg

Em 2008, a Fernanda Scur fez a gentileza de dialogar comigo e a lista metareciclagem sobre meu projeto que estava nascendo e o dela que já estava se encaminhando. Coloquei as propostas daquela época em duas páginas de wiki lá no site: PesquisaOrlando[1] e PesquisaFernanda[2]. No mínimo vai servir para pensar na evolução da coisa.

A seguir, trago um trecho interessante da conversa, onde, comentando as pretensões da Fernanda, falo da natureza das organizações e de uma característica que passei a entender como fundamental na MetaReciclagem em relação a isto.

Fernanda Scur : Esse meu interesse surgiu durante o meu trabalho de mestrado feito na Tanzânia, onde lidei com as instituições de desenvolvimento alemãs e suas metodologias de implantação de projetos de desenvolvimento super "top-down", onde o que conta em primeiro lugar são os interesses dos doadores, de tais instituições, e bem por último, no sentido burocrático da coisa mesmo, a comunidade – digo isso porque as pessoas envolvidas eram pessoas boas – mas o SISTEMA é tal, que é difícil ocorrer uma mudança – daí a questão: como mexer no sistema??

Orlando: Tenho uma "quase certeza" (porque é bom ter dúvidas) de que quando há "organizações" por trás das coisas tudo vira top-down. Porque esta é a natureza da organização como forma de poder. Tem muita prática travestida de "participativa" "bottom-up" por aí, porque há a necessidade de adaptar o discurso. Mas, a "Organização" é uma agressão à subjetividade, uma violência. Essa é outra viagem que eu vou tentar delinear os caminhos também.

Acho que o mais interessante aqui do MetaReciclagem é uma aparente resistência do grupo em ser "Organização".

Mexer no sistema?!! Acho que a gente está mexendo toda hora. Agora, querer que o sistema reflita nossos ideais de funcionamento... Aí, nem sei se isso é interessante.

Tava escrevendo isso ontem e de repente achei que tinha a ver com o #mutsaz[3]. Sigamos.

[1]<http://rede.metareciclagem.org/wiki/PesquisaOrlando>

[2]<http://rede.metareciclagem.org/wiki/PesquisaFernanda>

[3]<http://search.twitter.com/search?q=%23mutsaz>

Sobre as tais revoluções

em <http://imaginarios.net/dpadua/?p=177>

por Dpadua

Andando em círculos
Na busca incessante do sentido
Se o mundo curasse
Das cidades e da propriedade
E todos tivessem oportunidade
De descansar na Terra
A própria humanidade
Seria lar de ludicidade
Entregue ao próprio gozo
Por tanto me deparo...
Que espera guerrilheira é essa
Se uma boa festa pode mudar
O que sentimos um pelo outro
Cultivo a divindade que carregas
E já não vejo graça
Na ilusão que me castra

Votos de mais remix em mutirão

original <http://imaginarios.net/dpadua/?p=81>

por Dpadua

"Vida é mutirão de todos, por
todos remexida e temperada."

Guimarães Rosa

2005, 2006, 2200... não importa.

Um instante de cada vez, por
favor.

E que a virada seja renovadora.

Renascer é preciso.

MutGamb no Knight News Challenge

em <http://rede.metareciclagem.org/blog/17-12-09/MutGamb-no-Knight-News-Challenge>

por Efeefe

O MutGamb (Mutirão da Gambiarra) está participando do Knight News Challenge. Estamos pedindo apoio para a realização de uma série de ações que têm o objetivo de aprofundar a documentação de projetos ligados à MetaReciclagem. A ideia é promover residências documentadoras: diferentes integrantes da rede vão passar algumas semanas visitando esporos de MetaReciclagem e documentando as ações deles. Queremos promover o intercâmbio entre os projetos, produzir documentação de qualidade e promover o compartilhamento de métodos de integração dos contextos locais com a troca online da rede.



A proposta (em inglês) está disponível no site do Knight News Challenge, e aberta para receber comentários e votação por pontos. O endereço resumido para acessar é esse[1]:

MutGamb - distributed editorial group in MetaReciclagem

Project Title: MutGamb - distributed editorial group in MetaReciclagem

MutGamb no Knight News Challenge

Requested amount from Knight News Challenge:120,000

Expected amount of time to complete project:1

Total cost of project including all sources of funding:160,000

Describe your project.

MetaReciclagem: MutGamb consist of a series of actions intending to improve the documentation and exchange among MetaReciclagem projects. MetaReciclagem is an open network present in all regions of Brazil aggregating hundreds of people and several organizations with an interest in critical appropriation of technologies for social change. It was created in 2002 with a strong focus on networked strategies for collective action, and following a set of principles - the use and development of free and open source software, and the commitment of publishing content with open licenses. Its actions are organised upon three axes: a Spore is a lab that works as local reference, place for articulation and support; a ConecTAZ is any kind of collective action for specific purposes; and InfraLogica, the logic infrastructure - a series of online tools to promote information exchange between Spora and ConecTAZes. MetaReciclagem is already investing in InfraLogica to offer a comprehensive set of online tools to integrate the different projects. The next phase will be to complement that effort with an editorial approach, by exploring the history of those projects and expliciting the ways they relate to and influence each other, as well as making that documentation available to everybody. MutGamb, an editorial team organized in dynamic subgroups, has published in 2009 an ebook on the history of MetaReciclagem. The purpose of this application is to seek support for the following actions: * Two meetings of the extended editorial group * A program of "documenting visits" between MetaReciclagem Spora - people involved with a specific locality will spend two weeks in a different Spora, documenting their activities * Editorial group - writing, design and online publishing * Publication of a book and DVD

How will your project improve the way news and information are delivered to geographic communities?

MetaReciclagem: The diverse people, organisations and projects who are part of MetaReciclagem learn with each other via internet and then bring new elements and practices to their local contexts. However, what happens in those localities is poorly documented, as a result of many factors. MutGamb will bring context and structure to that documentation. In a sense, it is not only about delivery, but circulation instead - every node is simultaneously sending and receiving information. As well as giving voice and context to the projects, MutGamb will also foster the creation of a base of meta-knowledge on how to use ICTs to inform local communities. Every Spore will become a node, learning how to bridge the local context with knowledge available in the network.

MutGamb no Knight News Challenge

How is your idea innovative? (new or different from what already exists)

MetaReciclagem: MutGamb is essentially an experiment on developing open-source editorial processes. Not only the content will be freely available for distribution - its whole development will be subject to a collaborative approach. The fundamental idea is to go further in understanding what "free" content means, inspired by the concepts of the free software movement. By treating the abundance of superficial, decontextualized documentation as source materials that can be improved by collective action, we are proposing a new, critical and participative way of managing the identity of a group of people. An open approach welcomes different, even conflicting versions of anything.

What experience do you or your organization have to successfully develop this project?

MetaReciclagem: After seven years of existence, the MetaReciclagem network has succeeded in establishing a distributed yet mutually informed approach to the development of projects related to critical appropriation of technology. Local communities in different parts of Brazil with a common interest in the kind of innovation that emerges when people understand the inner workings of digital technologies share a loose methodology within the MetaReciclagem network. It has over 800 registered users coming from diverse regions and backgrounds, and some thousands of people have been directly influenced by its projects all over Brazil. MetaReciclagem has had a direct influence in the conception, planning and implementation of several large-scale ICT projects. MetaReciclagem has earned honorary mentions in Prix Ars Electronica (Linz Austria, 2006) and APC Betinho Prize (Montevideo, Uruguay, 2005). It was also a finalist in APC Chris Nicol Prize 2007. In 2009, it was chosen as one of the "free media hotspots" upon receiving the Free Media Award by

the Brazilian Ministry of Culture. The members of the editorial group MutGamb come from different areas related to media production and activism, university and interface design.

[1] <http://tinyurl.com/mutgamb-knn>

transcende/acende

em <http://bikini.veredas.net/2009/12/transcendeacende.html>

por Mabegalli

Vivemos todos como aglomerados de Omega Centauri, recombinao brilhos feitos de seiva bruta da vida que criou o universo.

Omega Centauri fica a 17.000 anos-luz da Terra, brilha com a luz combinada de 2 milhões de estrelas, e está entre os maiores enxames globulares orbitando a Via Láctea.

Alguns egoísmos e vaidades se tornam óbvios diante de coisas assim.

Fogos artificiais, pra quê?



"no one can stop us now
'cause we are all made of stars"
@ moby

Gambiologia no Cparty 2010

em <http://mutirao.metareciclagem.org/metareciclagem/Gambiologia-na-Campus-Party-2010>

por Mabegalli

Durante o Campus Party 2010, MetaReciclagem irá lançar a versão beta de Gambiologia, uma publicação colaborativa que agregará conceitos e práticas da gambiarra e suas implicações na tecnologia e no design. Além de promover um debate sobre a temática durante o evento com colaboradores e integrantes da rede. O objetivo é remixar as colaborações que já foram submetidas^[1] anteriormente com novas discussões e perspectivas, recebendo novas colaborações até o final de fevereiro. Alimentando e recombinando o conteúdo de Gambiologia para o lançamento da versão final em março de 2010.

A intenção é referenciar e, de certa forma, naturalizar o improviso e a impermanência não como atraso, mas como habilidade essencial pro mundo contemporâneo. Ou seja, a vontade de transformar criativamente o que se quer ou precisa, explorando quaisquer recursos disponíveis. Compreender a gambiarra como uma solução edificada entre o limite do "temporário" e do "definitivo", como uma condição instável, que permite grandes doses de inovação espontânea.

Buscando a naturalização da gambiarra, enquanto expressão que define todo desvio informal e improvisado do conhecimento técnico. Uma vez que a gambiarra tornou-se prática cultural recorrente - na busca de soluções improvisadas para os problemas cotidianos, viabilizadas com qualquer material disponível, mas também exercendo influência em práticas artísticas e de novas mídias.

[1] <http://rede.metareciclagem.org/wiki/MutiraoGambioLogia>
Durante o Campus Party 2010, MetaReciclagem irá lançar a versão beta de Gambiologia, uma publicação colaborativa que agregará conceitos e práticas da gambiarra e suas implicações na tecnologia e no design. Além de promover um debate sobre a temática durante o evento com colaboradores e integrantes da rede. O objetivo é remixar as colaborações que já foram

submetidas^[1] anteriormente com novas discussões e perspectivas, recebendo novas colaborações até o final de fevereiro. Alimentando e recombinando o conteúdo de Gambiologia para o lançamento da versão final em março de 2010.

A intenção é referenciar e, de certa forma, naturalizar o improviso e a impermanência não como atraso, mas como habilidade essencial pro mundo contemporâneo. Ou seja, a vontade de transformar criativamente o que se quer ou precisa, explorando quaisquer recursos disponíveis. Compreender a gambiarra como uma solução edificada entre o limite do "temporário" e do "definitivo", como uma condição instável, que permite grandes doses de inovação espontânea.

Buscando a naturalização da gambiarra, enquanto expressão que define todo desvio informal e improvisado do conhecimento técnico. Uma vez que a gambiarra tornou-se prática cultural recorrente - na busca de soluções improvisadas para os problemas cotidianos, viabilizadas com qualquer material disponível, mas também exercendo influência em práticas artísticas e de novas mídias.

[1] <http://rede.metareciclagem.org/wiki/MutiraoGambioLogia>



A internet é livre?

<http://junturas.veredas.net/2009/12/internet-e-livre.html>

por mariwell

Tão livre quanto as outras instâncias (?!)
sociais, eu diria. Antes de mais nada, quem diz o
que quer (embora todos ouçamos o que não queremos
vez ou outra)?

E depois, a vida online é tão cerceada, pisoteada
e sufocada quanto a vida do tete-à-tête.

Nesses fluxos sem fim, eternos recomeços e
incertezas, colaboro brevemente com a chamada do
#mutsaz! de dezembro compartilhando essa
inquietação que perpassa nossos temas e reflexões
presentes na Rede e nas redes desde.

E o que você acha que é? Eu acho que é "esse
negócio de potência da vida". É isso que não
queremos deixar sufocar. Em ti, em mim, em nós.
Salve!, pois.

Cá entre nós, nada como um repositório virtual
universal do conhecimento e da arte humana! Eu
posso colar um Caravaggio aqui ("A morte da
virgem", 1606) e fazer o resto do mundo se
perguntar o que isso tem a ver com potência da
vida, rede ou metareciclagem. Alguém arrisca?!



de alguma forma

original em <http://rbrazileiro.info/blog/de-alguma-forma/>
por Ricardo Brazileiro

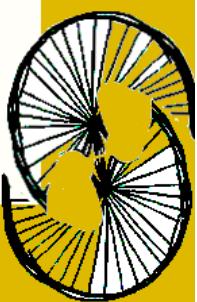
de alguma forma
apenas
tudo
transforma
de alguma forma

— 1 —

acreditar no trabalho
transforma
continuar o trabalho
transforma

um palito que você mexe
um chip que você dechava
um dedo que se queima
a toda hora

cair da bicicleta...
também transforma
dealgumaforma.





E a supernova, de novo, não tão nova.

original em <http://rede.metareciclagem.org/blog/19-12-09/E-supernova-de-novo-n%C3%A3o-t%C3%A3o-nova>

por Tati Prado

Ea supernova, de novo, não tão nova.

Lá vou eu, na última hora, tentar colaborar um pouco com essa edição do mutsaz e com o meu desafio pessoal sobre o ato de publicar...

Esse mês até que houve movimento na lista, algumas discussões não terminaram, como por exemplo o lance da wikipedia. Tá certo que eu tenho uma certa atração pela polêmica, mas já falei deste tema no mês passado. Além disso, não evoluímos em tão pouco tempo e as pequenezas ainda reinam.

Hum...

Falo do quê, minha Nossa Senhora do Balé Moderno?

...

Ah! Lembrei de outro assunto que rendeu: o II Fórum de Mídia Livre. Ao mesmo tempo em que me sinto pouco à vontade pra falar disso (porque eu não venho desse mundo, desconheço as figurinhas carimbadas, os vícios, dificuldades e alegrias), também me sinto livre pra dizer apenas o que vejo, sem recados subliminares ou tendenciosos.

O fato é que rolou um problema com as passagens e a Metareciclagem ficou de fora. Algo que causou indignação. Revolta de um e uns. Revolta de vários.

Abro parênteses: Desconfio que essa seja uma lista inspirada nos três mosqueteiros... Vez ou outra uma espada se levanta e, quando me dou conta, há uma galáxia de fagulhas. Vamos poetizar a cena, porque dizem que arte tem a ver com beleza e é desse mundo que eu saí. Chamemos de supernova esse fenômeno, então.

Resolvi apenas observar a supernova, sem abrir a boca (ou melhor, sem mexer as mãos) desta vez.

Se pudesse fotografá-la, a composição correria sérios riscos de sair desequilibrada. Até que um gente boa trouxe outro gente boa pro enquadramento. Ufa! Salvou a foto!

Em outras palavras, o deBATE poderia, enfim, ser substituído pelo debate. Mas não foi. A supernova completou seu ciclo e declinou.

Por um momento eu pensei que teria ali um bom material pra falar de "organização de eventos e encontros", um mote pra coneCTAZ Metarecursos, que tá com muitos posts atrasados. Mas era só a culpa me assolando...

Outra hora eu compartilho o que penso sobre o uso de recursos públicos (não houve desperdício porque a universidade colocou mais grana própria?)





É a supernova, de novo, não tão nova.

original em <http://rede.metareciclagem.org/blog/19-12-09/E-supernova-de-novo-n%C3%A3o-t%C3%A3o-nova>

por Tati Prado

Mas o evento não foi numa universidade pública? Juro que fiquei sem entender essa parte.).

Outra hora eu também falo sobre planejamento, porque essa palavra assusta; ela é vítima de vários preconceitos. Mas o troço é bem simples: numa festa da faculdade é super comum ter que sair pra comprar gelo e cerveja. Arruma um balde ou um tanque que tá tudo certo. E isso é tão comum que já faz parte da festa (esses dias, num tal de metabar, aprendi uma técnica nova: pra gelar mais rápido, basta colocar sal). Agora, vai num casamento tradicional e vê se alguém acha divertido acabar a bebida. Vê se alguém quer ir pro supermercado de salto e alto ou gravata. Onde se escondem os tanques nessa hora? Então... isso tudo é planejamento. Simples assim.

Só não sei porque as pessoas confundem o casamento com a festa da faculdade. Até as festas precisam de identidade, não só as pessoas... Voltando: dá pra concordar comigo, que essa palavra – planejamento – tão democrática é vítima do seu próprio uso? Ou seria desuso, no caso do Brasil?

Sei lá...

Vou é acabar logo com isso porque escrever post é como conversa de elevador: não pode demorar.

E já que a cerveja apareceu, vou me inspirar também na conversa de bar:

- O Brasil não tem jeito mesmo, o governo não tá nem aí. Bom mesmo é o povo brasileiro.

- Eita gente boa! Solidária! Que gosta de fazer festa! Sofrida, mas que ri à toa!

- E o gingado? A malemolência? A habilidade de improvisar? O jeitinho?

- Ah, nada como o jeitinho brasileiro...

A gente se orgulha dele, não se orgulha, não?

Sei lá...

Hora da supernova...

De novo?

Ai que preguiça... Saravá Mário de Andrade!



E, no espírito #mutsaz-gambiarra-party, o desafio de ver:

originais em
<http://rede.metareciclagem.org/blog/01-02-10/Ver-Gambiarras>
e <http://www.alfarrabio.org/index.php?itemid=3143>

por Bicarato

Óp'cê vê: tautologia insistente, persistente, implora de maneira direta a que -- só isso! -- exercitemos um sentido vital de percepção do mundo.

É como um clamor para que do sentido quase desprezado passemos à contemplação, percepção, interpretação, compreensão: o sentido além do sentido. Na corruptela, um resumo do possível-necessário.

Olhe, veja bem... da simplicidade da expressão popular à profundidade do(s) significado(s), qualquer verborragia – como esta – é vã. Até vil.

O conselho-ordem exprime por si a urgência de não apenas se render às evidências, e encará-las, mas desembaraçar a miopia, abrir-se às potencialidades do não-sensível, resignificar o invisível (o essencial?).

O senhor mire veja: tatear olfatos, degustar silêncios – é coisa perigosa. Viver é perigoso.

Mas a mesma redundância reforça o pedido para que o outro compartilhe essas percepções.

E exclama: "é óbvio"!

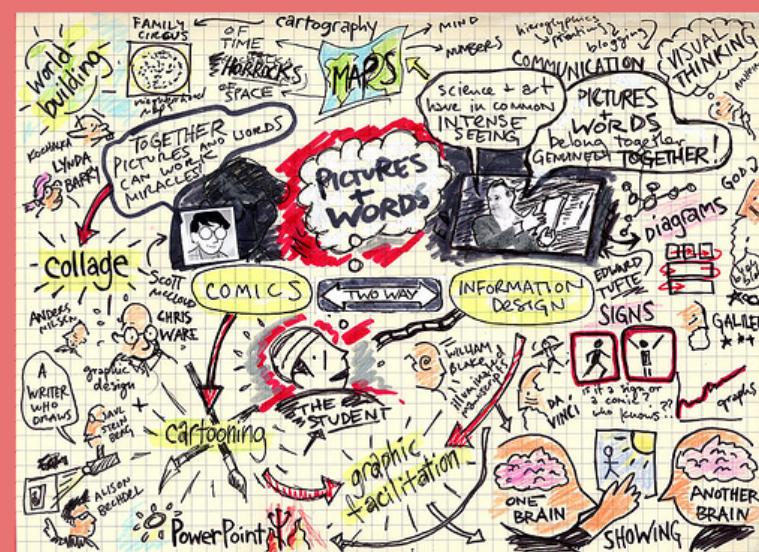
Olhe, mire, veja! Verbos imperativos ou humildes pedintes? "Careço só de óculos não, doutor", me lembra meu Miguilim.

Onde não queres nada nada falta

original em <http://recesso.webnos.org/2010/02/02/onde-nao-queres-nada-nada-falta/>

por Dasilvaorg

Tenho aqui um bocado de percepções e alguns termos: Internet, inclusão digital, transformação social, information literacy[1], desenvolvimento, produção, política pública, ciência e tecnologia, tecnociência, organização, sociedade... É tanta coisa que quando busco explicitar os porquês dos meus fazeres atuais sinto dificuldade em começar. Já faz algum tempo que venho tendo vontade de pegar os pedaços de histórias que estou registrando por aí e compor um corpo, na esperança de que isto vá me mostrar algo. É a esperança do #reacesso[2].



Onde não querer nada nada falta

São muitas dúvidas e uma certeza: trabalhar na idéia de melhoria para algumas realidades. Sistemas, metodologias, práticas, práxis em torno de construção conjunta de oportunidades e desenvolvimento local. Resta escolher ou ser escolhido por alguma destas realidades. Penso no que vivi e no que gostaria de viver ainda, em como e porque tive e tenho acessos e oportunidades. A Internet tem um papel importante nisto. O que é afinal esta coisa que tenho com a Internet? O que pode partir disto e com isto para o trabalho com as pessoas, as comunidades?

Na Internet tem informação de todo o tipo disponível, mas não só isso, possibilidades de expressão, de produção, de articulação. É uma coisa sócio-técnica meio que mágica ainda, mística, ao mesmo tempo que opera numa rationalidade comercial, do consumo, motor e produto da sociedade do consumo. No ciberespaço é muito fácil dispersar, ficar perdido, desviar de um objetivo inicial, consumir consciente e inconscientemente. O ciberespaço é multitransdimensional psicodélico.

Outro dia tuitei para a @kali_lin [3] sobre o volume que ela compartilha no Google Reader. Tem dias que ela solta mais de 40 itens em sequência, coisas muito legais de todo o tipo: imagens, posts enormes e curtos, vídeos etc. Mas simplesmente não consigo acompanhar. Não posso. Fico pensando se eu olhasse, lê-se, ouvisse um por um dos itens, quanto tempo esta navegação me consumiria diariamente? Em meio ao conjunto das outras coisas para ver, é comum não dar nem para olhar rapidamente por cima e selecionar algumas coisas. Acabo olhando só uns três ou quatro itens e ignorando o restante. Porque este processo, considerando a dinâmica do hypertexto e a possibilidade de saber mais sobre qualquer coisa a apenas uma googlada de distância, parece que vai te enredando nas diferentes dimensões e entre elas, vai alterando percepções e consciência. Essência do ciberespaço?

Hoje já não me incomoda mais deixar coisas sem ver, não tanto quanto incomodava [4] quando comecei a interagir e pesquisar com blogs. Atualmente o sentimento é de definir coisas no meio do caos (na falta de uma palavra melhor), ainda que a preocupação com a informação se mantenha, principalmente na questão da interação, o handshake[5] diário e o como lidar com as caixas-pretas[6].

Overload Informativo

Overload Informativo ou, o que eu não consegui mais ler hoje as 2 e 45 da manhã:

[Site quer mudar a forma como nos relacionamos com os livros](#)

[http://blog.marcus.com.br/post/voce-trabalha-com-o-queComment_92](#)

[Wikiworld está disponível para baixar](#)

[Arquivo de música é comprimido em tamanho](#)

[1.000 vezes menor do que MP3](#)

[Blog – Entenda a revolução que vai mudar seu mundo de Hugh Hewitt pela Editora Thomas Nelson Brasil](#)

[CORPORATE BLOGGERS LAUNCH THE "BLOG COUNCIL" ORGANIZATION](#)

[Braincast #9 | Episódio 11: Proxíma, Boicote ao AdSense e Mentiras](#)

[Ute, ainda bem \(sic\) que deu para ao menos registrar!](#)

Ah! Não tenho nada a ver com grêmio, mas 4 das 9 imagens sugeridas pelo Zemanta eram relacionadas a algum Grêmio?!!!

Allá, dessa vez inseri tudo que o Zemanta sugeriu. Menos as nove imagens, porque parece que só dá para inserir uma. Depois tento entender. (Atualização / Update em 27 ago 2008 – Fiz uma faxina e retirei as tags aparentemente sem sentido: Barack Obama, Business and Economy, Financial Services, Hugh Hewitt, Iceland, Industrial, MP3 Blog, Recreation and Sports).

Related articles

- [Goldtrapp e Processing](#) [via Zemanta]
- [Sua própria operadora de celular](#) [via Zemanta]
- [I've Decided to Endorse Barack Obama for President](#) [via Zemanta]
- [Romney, Romney, and Hewitt](#) [via Zemanta]
- [Luiza Vell](#) [via Zemanta]
- [Punishing Obama for not wanting to 'punish' his daughters](#) [via Zemanta]

[+ 20 mais](#)

 [overload](#)

This entry was posted on 09/04/2008, 05:57 and is filed under [registros experimentais](#). You can follow any responses to this entry through [RSS 2.0](#). You can [leave a response](#) or [trackback](#) from your own site. [Edit this entry](#)

Onde não querer nada nada falta

Joaquim Izidro[7], que é uma super pessoa, músico, camarada, me falou recentemente, não pela primeira vez, em uma dificuldade com a quantidade de informação. Era um espécie de feedback que ele estava me dando sobre algumas coisas que lhe mostrei, como o site do Orquestra Organismo[8] ou o post do Brazileiro [9] sobre sua residência lá no Alafin Oyo. Me parece, mas ainda tenho muito que conversar com Izidro sobre isto, que por algum tipo natural de seleção, em função dos focos dele provavelmente, a coisa aparenta tão carregada ao ponto dele não saber como lidar com ela, a informação, e então ter que deixar pra lá.

Mas fevereiro está apenas começando. Esta semana quero finalmente assistir algumas coisas que já estão há meses nos planos, talvez instalar um Debian[10] no desktop e brincar um pouquinho, certamente estudar mais o Latour[11], tentar ler o resto do The Internet of Things[12] e passar o exemplar impresso que ganhei do @eefefe pra frente. Ah, e na expectativa do #karmaval, até o próximo "elemento" #mutsaz.

Upadate quase instantâneo

ao terminar de escrever e publicar fui ler os outros post #mutsaz, olha só o que eu encontrei

"Por sorte me contive a tempo e não entrei no google pra descobrir o lugar onde se consertam máquinas de escrever. Por puro medo. Tive receio de achar outras coisas legais sobre esses objetos antigos e me perder nas descobertas, quando ainda tinha um projeto por terminar.

Sobre a comunicação: como funciona essa capacidade humana de se fazer entender, mesmo quando as palavras não são adequadas ou explícitas?... Sobre a relação das pessoas com os objetos e máquinas: que estranho papel exercem em nossas vidas?.... Sobre os pontos de conexão entre pessoas e a formação das redes: seriam aqueles invisíveis para tornar estas inevitáveis desde os primórdios da humanidade?... Sobre os caminhos tortuosos que escolhemos em nossas vidas para chegar ao que nos é bem próximo..."
Tati Prado[16]

- [1] http://en.wikipedia.org/wiki/Information_literacy
- [2] <http://reacesso.webnos.org/2009/10/12/conceito-em-acao/>
- [3] <http://www.google.com/profiles/105203357900787714415>
- [4] <http://reacesso.webnos.org/2008/04/09/overload-informativo/>
- [5] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Handshake>
- [6] <http://reacesso.webnos.org/2009/10/13/feiticeiros-ontologia-rede-moleuada/>
- [7] <http://www.joaquimizidro.com.br/>
- [8] <http://organismo.art.br/>
- [9] <http://rbrazileiro.info/blog/fabrlca-iluminad0/>
- [10] <http://www.debian.org/index.pt.html>
- [11] <http://www.bruno-latour.fr/>
- [12] <http://networkcultures.org/wpmu/portal/publications/network-notebooks/the-internet-of-things/>
- [13] <http://eefefe.no-ip.org/>
- [14] <http://search.twitter.com/search?q=%23karmaval>
- [15] <http://mutirao.metareciclagem.org/Sazonal>
- [16] <http://blooks.ning.com/profiles/blogs/mulheres-homens-e-maquinas>

de-Composição

original em <http://lablivre.wordpress.com/2010/02/02/de-composicao/>
por Guima



Elementos em Composição
Sol a pino em sintonia
Nas asas abutre, Transformação

Elementos Composição
Sol a pino sintonia
Asas abutre, Transformação

Elementos Composição
Sol Sintonia
Abutre, Transformação
Elementos em Composição
Sol a pino em sintonia
Nas asas abutre, Transformação

Elementos Composição
Sol a pino sintonia
Asas abutre, Transformação

Anagramas de janeiro

original em <http://bikini.veredas.net/2010/01/anagramas-de-janeiro.html>
por Mabegalli

e o tempo passou.

rapidinho assim, uma semana foi embora, com ela o mês, e a correria da terceira edição da Campus Party Brasil.

poderia escrever um montão...

mas preferi publicar um email que mandei como resposta pro efeefe.

o @markun comentou ontem:

"você encheu a área de metarecicleiros, e isso foi legal"

pois é, eu tambem achei MUITO legal - embora não seja mérito meu, mas sim de uma rede toda :D - e as palavras dizem um pouquinho do que estou sentindo.

"oie :)

sim rolou.

fiquei muito feliz em ver vários metas que eu não conhecia, reunidos.

sei lá, pode soar estranho, mas de repente muitas coisas fizeram sentido.

reunimos muita gente. começamos.

estou na rede faz dois anos, mas sinto que existe algo de novo acontecendo.

sei que "algo de novo" deve ser um sentimento ou coisa que ressoa sempre, ou de tempos em tempos.
e, estou feliz por fazer parte disso".

< janeiro / >

Mulheres, Homens e Máquinas – relações subliminares, etc e tao.

original em <http://blooks.ning.com/profiles/blogs/mulheres-homens-e-maquinas>

por Tati Prado

Pensei que estava sozinha em casa quando ouvi um barulho na área de serviço.

Meu pai, com uma flanela, limpava uma máquina de escrever com certo ar desarranjado, o que me fez lembrar do desenho que inseri no meu perfil aqui nessa rede.

Eu, com a minha curiosidade impulsiva típica, associada a uma falta de ideia sobre a origem daquele objeto que as crianças de hoje nunca viram, já fui logo perguntando:

- O que é isso?

Ele, que não deve ter ouvido a pergunta ou, no mínimo, a considerado idiota, pois eu enxergo bem e foi o próprio quem comprou a máquina de escrever que eu usava pra brincar, respondeu:

- Arrumei pra cabeça. Fui abrir minha boca...

Sem entender direito, pronunciei uma onomatopeia qualquer. Não poderia reclamar da resposta, pois a culpa era minha: fui eu que fiz a pergunta errada. Mas os anos de convivência e a lógica da comunicação tradicional foram suficientes para ele entender que era sua vez de jogar:

- Tô salvando um casamento.

Me senti no direito de tomar as rédeas do processo e "endireitar" a conversa:

- Como assim?

Foi o quanto bastou pra história se desenrolar por completo sem necessidade de qualquer intervenção da minha parte outra vez:

- Eu tava lá na Kátia, ela e o marido estavam arrumando a garagem. Ele queria jogar fora a máquina e ela não concordava porque havia sido de seu pai. Daí começaram a brigar, porque ela o acusou de sempre querer jogar fora suas coisas. Ela me perguntou se em São Paulo haveria algum lugar para arrumar esse tipo de máquina. Eu disse que tinha e achei melhor trazê-la para que parassem de brigar.

Achei curioso o episódio (a ponto de contá-lo aqui) porque nessas horas penso que essas coisas non-sense acontecem muito frequentemente na minha família, sendo protagonizadas prioritariamente por meu pai. Reduzi o riso a outra onomatopeia e em seguida continuei:

- E agora?

Tive a prova de que o papo tinha mesmo entrado no prumo:

- Tô limpando aqui porque eu não posso levar essa máquina toda suja pro mecânico, né?

Voltei pro computador já pensando em procurar um lugar pra consertar a máquina, seguindo a lógica familiar: a da intromissão indevida pelo simples fato de acreditar que não custa nada ajudar. Só que custa: tempo. Eu já devia ter aprendido, mas posso ter sido responsável por "aperfeiçoar" a comunicação da espécie, pois já ia entrar numa história sem falar absolutamente nada. Pior, sem nem saber quem é a Kátia. Só deduzi que morava no interior por esta informação estar na entrelinha do relato. Por que eu haveria de me envolver nisso?

Por sorte me contive a tempo e não entrei no google pra descobrir o lugar onde se consertam máquinas de escrever. Por puro medo. Tive receio de achar outras coisas legais sobre esses objetos antigos e me perder nas descobertas, quando ainda tinha um projeto por terminar.

Outra ideia me ocorreu: mandar uma mensagem pra galera da MetaReciclagem e perguntar se alguém indicava ou conhecia um local onde se consertam máquinas de escrever. Isso parecia ocupar menos tempo e a lista funcionaria como um oráculo. Se viesse uma resposta, eu deveria ajudar meu pai, que por sua vez ajudaria a Kátia e o marido. Se não houvesse, eu teria feito a minha parte e ficaria com a consciência tranquila: fiz alguma coisa pra ajudar, mas não deu. Pronto. Preciso definitivamente me acostumar com a segunda parte desta ideia.

Mulheres, Homens e Máquinas – relações subliminares, etc e tao.

original em <http://blooks.ning.com/profiles/blogs/mulheres-homens-e-maquinas>

por Tati Prado

Desisti de escrever o e-mail. A lista é previsivelmente imprevisível (ou seria imprevisivelmente previsível?) e isso poderia enveredar prauma infinita conversa sobre o consumo, o capitalismo, a sociedade atual, o quanto o mundo está perdido e o futuro é arriscado e nefasto. Pronto: em dois tempos chegaríamos àquela conversa de elevador: do nada a lugar nenhum em pouquíssimo tempo. Estava com preguiça. Lembrei de um exemplar da minha coleção de frases: "Se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro".

Ninguém nunca disse que o silêncio da mente está incluso, mas deduzo que isso torna a frase mais eloquente. Fui capaz de dominar o meu imenso potencial de dispersão e voltei ao projeto. Felizmente.

Muitos minutos depois, aparece meu pai:

- Você, que é uma pessoa organizada, tem WD?

Imediatamente pensei: "Eu até sou uma pessoa organizada, porém um pouco alérgica, esqueceu? Não posso ter WD no quarto!" Antes de dar uma resposta grosseira, me lembrei que a influência solar que nos assola é a mesma: certamente não haveria outro motivo pra alguém limpar tão bem uma máquina que vai ser levada no mecânico (ficará suja, portanto) no dia seguinte, horas! A não ser para manter outra coisa limpa: a consciência, por ter feito, se não a coisa certa, pelo menos o seu melhor. Optei por abrir mão da acusação e me limitei ao foco da pergunta:

- Não.

Uma nova sequência de minutos até que eu voltasse à área de serviço, onde a limpeza continuava:

- Mas você sabe onde se consertam essas máquinas?

Nenhum sinal de interrupção no movimento da flanela ou desvio do olhar em minha direção:

- Ali, perto na Rua do Carmo.

A curta trajetória entre a área de serviço e o computador foi promissora para estimular reflexões existenciais até agora... Sobre a comunicação: como funciona essa capacidade humana de se fazer entender, mesmo quando as palavras não são adequadas ou explícitas?... Sobre a relação das pessoas com os objetos e máquinas: que estranho papel exercem em nossas vidas?.... Sobre os pontos de conexão entre pessoas e a formação das redes: seriam aqueles invisíveis para tornar estas inevitáveis desde os primórdios da humanidade?... Sobre os caminhos tortuosos que escolhemos em nossas vidas para chegar ao que nos é bem próximo: não seria mais fácil perguntar logo pro meu pai sobre o local onde ele levaria a máquina em vez de optar pela suposição silenciosa? Não é à toa que a meditação está tão em voga hoje...

Pensei ainda se as virtudes assim permanecem quando adjetivadas: o altruísmo indevido, a curiosidade precipitada... Fui mais longe e pensei sobre a diferença entre homens e mulheres, o casamento...

Ops, aqui é melhor mudar de parágrafo.

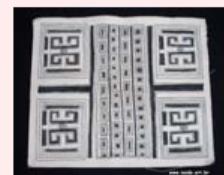
Raciocinem comigo. Se o dono da máquina fosse o pai do marido, haveria esta história? Provavelmente não, por falta de discussão. Ele já poderia tê-la jogado fora e não estaria na garagem. Ou não, sua mulher já a teria descartado sem perguntas. Ou ainda, ele a eliminaria ou esconderia só para não ouvi-la falar e se aproveitar de um episódio para tratar de outros problemas que a incomodam mais, certamente há bastante tempo.

Continuem acompanhando meu raciocínio lógico-estereotipado-manipulador: se não há discussão, não há histórias e por isso as mulheres devem dominar o mundo, para preservar a humanidade.

Não. Esta sentença prova exatamente o inverso: se o uso da razão é uma característica masculina e o uso da manipulação, feminina, então, se eu, que escrevo este texto e sou mulher, sou a prova viva de que mulheres e homens mantêm ambas características dentro de si. Em poucas palavras: yin-yang-tao.

Mas, ao contrário do que se diz hoje em dia, nem sempre as perguntas são mais importantes ou interessantes que as respostas. A certeza foi o que me moveu e me trouxe até aqui... maldita genética!

ressignificação, códigos, mutação constante.
• E. arté indígena.
qr code. [1] arte indígena.



QR Code.

Arte indígena.

Ressignificação.

Códigos.

Mutação constante.

Resultados da pesquisa de opinião do projeto Aldeias Urbanas

original em <http://daltonmartins.blogspot.com/2010/02/resultados-da-pesquisa-de-opiniao-do.html>

por Dalton Martins

O projeto Aldeias Urbanas[1] tem por objetivo ser um espaço de conversação, de reflexão, de análise e estudo a respeito de diferentes aldeias, tribos que estudam assuntos relacionados a saúde, espiritualidade, auto-conhecimento e expansão da consciência. Sem dúvida, o campo de interesse é amplo e muitas são as possibilidades e pontos de vista que podem se apresentar, por isso o nome de Aldeias e não uma Aldeia Urbana. Como começo de projeto, a primeira ação que executamos foi criar uma pesquisa de opinião baseada em oito pontos para enviarmos para amigos, conhecidos, clientes e pessoas que achamos que poderiam se interessar pelo projeto e que poderiam nos dar alguma opinião que pudesse orientar/reorientar aquilo que estávamos pensando para o projeto. Fizemos algumas reuniões para conversar a respeito das perguntas e, como o que mais importa é o processo do que o próprio resultado, aprendemos um pouco mais a respeito de nós mesmos nessas conversas, a respeito de como pensávamos a Internet como meio de comunicação e como ela poderia ser utilizada como para a emergência de uma rede de conversas, uma rede de aldeias sobre diversos assuntos que nos interessam.

As perguntas que montamos foram as seguintes:

1. Como você aprende melhor?
2. Quais os tipos de conteúdo que mais lhe interessam?
3. Como você gosta de receber e compartilhar seu conhecimento na Internet?
4. Quais as formas de interação social que entendem melhor sua necessidade de aprendizado?
5. Você possui o hábito de comentar conteúdo que acha interessante na Internet?
6. Você tem o hábito de publicar/oferecer/participar de conteúdos em sites/mídias sociais?

7. Que estratégias que acha que são eficazes para divulgar conteúdo de seu interesse?

8. O que você acharia de encontrar um produto específico relacionado com um conteúdo de seu interesse?

Analizando as respostas às questões acima, que foram coletadas de 70 respondentes que participaram da pesquisa, chegamos a algumas conclusões bem interessantes que vêm orientando o desenvolvimento do projeto Aldeias Urbanas e nos dando uma maior percepção do que as pessoas que se interessam pelos assuntos aqui tratados pensam:

* Os participantes aprendem melhor vivenciando práticas, ou seja, experimentando e criando seu próprio ponto de vista com os temas de seu interesse;

* O tema de maior interesse é auto-conhecimento. Sem dúvida, é um ponto importante e que escolhemos como sendo nosso primeiro foco de produção de conteúdo, por isso os primeiros posts do Aldeias Urbanas falam de eneagrama e meditação, buscando compartilhar experiências e estudos a respeito de auto-conhecimento;

* A forma de compartilhando de conteúdo preferida dos participantes é o texto;

* Os participantes preferem interações sociais presenciais, como palestras, cursos, workshops para suas necessidades de aprendizado. Uma das idéias do projeto Aldeias Urbanas, numa segunda fase, é iniciar a realização de palestras, cursos e workshops relativos aos temas que forem sendo discutidos e publicados pelo site;

* Os participantes raramente comentam ou interagem com conteúdo na Internet, tendo mais uma posição de acesso a informação;

* Os participantes raramente publicam ou oferecem conteúdo próprio nas mídias sociais;

Resultados da pesquisa de opinião do projeto Aldeias Urbanas

original em <http://daltonmartins.blogspot.com/2010/02/resultado-da-pesquisa-de-opiniao-do.html>

por Dalton Martins

* As duas estratégias que consideraram mais eficaz para divulgar um conteúdo de seu interesse foi compartilhar um link e divulgar uma palestra. Criamos o informativo Aldeias Urbanas, que é uma forma dos visitantes do site deixarem seus emails cadastrados para poderem receber divulgação de novos conteúdos publicados no Aldeias, divulgação de livros recomendados, vídeos, cursos, palestras e workshops;

* A grande maioria dos participantes acha atraente a divulgação de produtos vinculados a conteúdo de seu interesse. Para uma fase posterior do projeto Aldeias Urbanas, temos a intenção de divulgar livros recomendados, produtos, serviços que sejam de nosso conhecimento, que saibamos a procedência, que também estamos utilizando para irmos compartilhando com nossos visitantes na web.

Gostaríamos de agradecer a todos que participaram da pesquisa e que estão auxiliando direta ou indiretamente no desenvolvimento desse projeto[2].

[1] <http://www.aldeiasurbanas.com.br/>

[2] <http://www.slideshare.net/dmartins/resultado-da-pesquisa-aldeias-urbanas>

O Hype da Morte do Hype

original em <http://olharfeerico.wordpress.com/2010/02/02/o-hype-da-morte-do-hype/>

por Daniel Duende

Acho que todo post falando sobre a "morte" deste ou daquele suporte de conversões sobre um sério risco de derrapar para dentro do pântano da presunção egocêntrica. Mas tem coisas que vale a pena dizer.

Estava conversando no outro dia com a Pata Nardelli [1] sobre a "morte dos blogs" frente ao surgimento dos microblogs. Assunto velho, eu sei. Nem está mais na moda falar disso. Mas não é disso mesmo que eu quero falar. É do hype de anunciar a morte de serviços quando surge alguma outra coisa mais "cool".

Em 2003, o fotolog.net (hoje fotolog.com.br) bombava de brasileiros descobrindo como era bacana fazer caras e bocas para a câmera e depois partilhar a foto com os amiguinhos. Foi na época uma das grandes ondas da entrada brazuca na rede, de mãos dadas com o Orkut que surgiria pouco depois. Algum tempo depois, havia gente anunciando a morte do fotolog.net. Mas ele não morreu. Simplesmente começou a ser usado só por quem realmente curtia aquilo. O que morreu foi o hype, e não era mais tão "cool" ser fotologger. Os hype-pilgrims deixaram o flog pra trás e foram atrás do próximo hype, e foi só.

A mesma coisa pode ser dita sobre os blogs, e em breve poderá ser dita sobre o Twitter e sobre quaisquer serviços que forem "agraciados" com o hype no futuro. Um dia o hype acaba, os "moderninhos" que começaram a usar o serviço só porque era moda acabam cansando e indo embora em busca de outra coisa "cool" pra usar, e o suporte começa, enfim, a descobrir seu verdadeiro lugar no espaço digital.

O Hype da Morte do Hype

original em <http://olharfeericoo.wordpress.com/2010/02/02/o-hype-da-morte-do-hype/>

por Daniel Duende

Quem falou da morte dos blogs pode até não ter percebido que estava falando uma grande asneira. Mas se quiser colocar a mão na consciência, pode dar uma olhada no Global Voices Online[2] (ou no Global Voices em Português) e descobrir algumas coisas para os quais os blogs realmente servem, sem hype nem afetação.

E quanto à morte dos blogs frente aos microblogs. Bem... Quem tem algo a dizer não pode viver só de 140 caracteres, né? Creio que, no máximo, a blogosfera se viu livre de um monte de gente que poderia, no mínimo, falar em menos caracteres o que tinha a dizer. Bom para todos.

Os blogs irão existir enquanto forem úteis para quem escreve e para quem lê. Podem mudar, como tudo muda, como os microblogs também já estão mudando, mas por sorte, apesar dos passos para trás, cedo ou tarde a gente caminha para frente e leva consigo aquilo que nos serve para alguma coisa. E os blogs, meu amigo, são uma das coisas mais úteis que surgiram na internet.

O que morre é o hype.

E é por isso que eu ignoro solenemente qualquer serviço que seja muito festejado. Só o tempo dirá se servirá para alguma coisa, ou se vai cair no esquecimento. Quem se lembra hoje do Friendster? Eu só me lembro que era quase tão chato quanto o Orkut, mas não tinha um Google por trás para convencer todo mundo de que era bacana estar lá. :)

[1] <http://patricianardelli.wordpress.com/>

[2] <http://globalvoicesonline.org/>

Meu trabalho é te traduzir

original em <http://reacesso.webnos.org/2010/02/25/meu-trabalho-e-te-traduzir/>

por Dasilvaorg

Já tem uns dias que estou querendo escrever sobre como vejo meu processo pessoal de aprendizado a partir da interação com MetaReciclagem (apesar de pensar que tem muito que eu não vejo agora, com certeza muito). É que saí da netnografia[1] para algo mais próximo da autoetnografia [2]. Tudo ainda muito superficial, tudo ainda só percepções. Só que ontem, enquanto dirigia o fusquinha 79 pra resolver alguns problemas, me veio à cabeça essa coisa. A de que quando eu entrei em contato pela primeira vez com a lista[3] MetaReciclagem eu estava completamente encantado com alguma coisa relacionada a possibilidades a partir das interações Web. Era como se na época eu acreditasse que bastava comunicar alguma coisa online que me parecesse razoável e logo haveria um bocado de pessoas conversando comigo sobre a coisa. Se não fosse possível tocar pra frente a idéia, ao menos haveria interações que chegariam a algum outro lugar interessante (em curto prazo, claro).

O que me levou a essa encantamento? Essa foi a questão para qual despertei no fusquinha. Por que esse encantamento? Em meio a um processo de interações (comigo mesmo na grande maioria das vezes) acho que foi como cair num conto da Web 2.0. "Web 2.0 = POWER TO THE PEOPLE!"



Meu trabalho é te traduzir

original em <http://reacesso.webnos.org/2010/02/25/meu-trabalho-e-te-traduzir/>

por Dasilvaorg

Não dá para precisar quando as coisas começam a mudar na sua cabeça. Acho que não. Mas tem um momento recente que marca um outro encantamento meu: A percepção que me levou a criar o blog Reacesso[4] e pensar nessas necessidades de "resgate", reacesso[5] das coisas. Foi o post [6] MetaReciclagem: Incertezas, Reacesso, Redes que publiquei no dia seguinte ao meu aniversário de 2009 (épocas próximas ao meu aniversário são sempre horríveis para mim). Daí pra frente algumas coisas têm tido andamentos e percepções, outras têm tido andamentos e percepções.

Não vou conseguir mais uma vez fazer aquele apanhado sobre a trajetória do pensamento. Canso, muito antes do meio do caminho. Mas acho legal aproveitar o espaço desta ocasião registrar duas coisas. Primeiro, o presente Karmaval [7] do Glerm que chegou aqui em casa esta semana. Meu moleque se divertiu fotografando[8] e fazendo colocações sobre tudo. Quando recebo um trabalho assim cheio de simbolismos fico me perguntando se é preciso buscar decifrações. Outra coisa que penso é por que não me sinto confortável para falar sobre? Acho que tem aí um medo de não saber o que falar, ainda que isso entre em contradição com um outro pensamento meu, o de que ter um pensamento certo de como lidar com arte é algo que não tem a ver com arte. Viagem de quem não entende nada do assunto.

A segunda coisa que quero falar é do Bruno Latour[9], as leituras têm sido cada vez mais interessantes, no sentido de que me dão uma visão de Rede que sai da mesmice das questões que eu vejo nas conversas de redes sociais, ao mesmo tempo que uma compreensão da construção de fatos e artefatos muito coerente com o que sinto no dia a dia. Só não tenho como justificar nada ainda "intelectualmente". É tudo sentimento, percepção, encantamento.

Isto conta para a Ciência? Isto conta para as ciências? Recentemente na lista Submidialogia[10] alguém me questionou quanto à pertinência de usar Latour e o pensar sobre caixas-pretas. Basicamente foi recrutada uma associação com Gabriel Tarde [11] e a noção de monadologia. Para mim isto ainda é caixa-preta. Ficamos então neste ponto com uma emotiva resposta minha dos motivos que fazem atualmente ver Latour como algo bastante legítimo.

E para fechar, falando em emoções, a marca aqui é um grande vazio, apreensão, com a ausência da Maira [12] nas conversas online. Essas interações online sempre são apreensivas e cheias de expectativas para mim. Essa semana fui pego numa situação entre duas pessoas que não se falam e que estavam falando comigo ao mesmo tempo no Gtalk. O interessante é que a conversa com ambas estava sendo muito boa, ao ponto de eu querer falar sobre uma para a outra. Aí veio a surpresa: "Sim, nos conhecemos. Tivemos problemas e não nos falamos". Fiquei meio sem chão na hora, mas no final tudo parece que ficou bem. Quanto à Maira, o que resta é pensar que coisas boas sempre acontecem. PAZ para todos nós!

- [1] <http://netnografando.wordpress.com/2008/10/04/netnografia-ou-etnografia-virtual-uma-jornada/>
- [2] <http://reacesso.webnos.org/2009/10/18/favela-gambiarra/>
- [3] <http://lista.metareciclagem.org/>
- [4] <http://reacesso.webnos.org/>
- [5] <http://reacesso.webnos.org/2009/10/12/conceito-em-acao/>
- [6] <http://netnografando.wordpress.com/2009/08/29/metareciclagem-incertezas-reacesso-redes/>
- [7] <http://devolts.org/psicopolis/>
- [8] <http://www.flickr.com/photos/26366315@N08/sets/72157623500819778/>
- [9] http://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Latour
- [10] <https://lists.riseup.net/www/info/submidialogia>
- [11] http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Gabriel_de_Tarde
- [12] <http://bikini.veredas.net/>

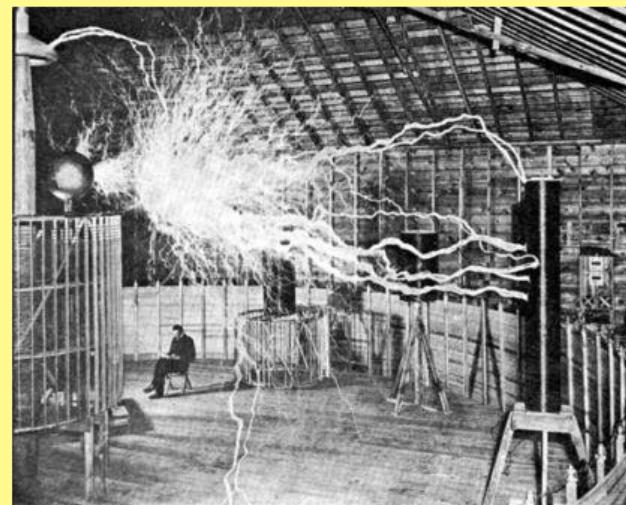
Tesla, o Hacker da eletricidade

original em <http://dricaveloso.wordpress.com/2010/02/22/tesla-o-hacker-elettrico/>

por Drica Veloso

A trajetória de Nikola Tesla, gênio da física que pesquisou energia wireless free

Imagine um mundo ainda à luz de velas e lampiões. Um cenário improvável, mas que, sem a insistência de Nikola Tesla, talvez fosse real. Sem o descobridor do campo magnético giratório e das correntes alternadas, não haveria eletricidade como a conhecemos. Além da luz elétrica, os estudos desse físico, engenheiro e matemático, que patenteou mais de 700 invenções, foram responsáveis pela criação dos raios X, da lâmpada fluorescente e estão até mesmo na gênese da invenção do rádio e da televisão. Mas para firmar seu ponto de vista, o cientista enfrentou ninguém menos que o famoso inventor da lâmpada e do fonógrafo, Thomas Alva Edison. Para Tesla, a teoria elétrica das correntes contínuas, de Edison, era equivocada. Em seu lugar, ele defendia uma idéia considerada completamente absurda na época: a utilização das incontroláveis correntes alternadas, as mesmas que hoje movem nosso mundo.



Tesla, o Hacker da eletricidade

VOANDO DE GUARDA-CHUVA

Nikola Tesla nasceu em 9 de julho de 1856 na cidade de Similjan, Lika, que então pertencia ao Império Austro-Húngaro e hoje faz parte da Croácia. Segundo filho de um clérigo da Igreja Grega e de uma bordadeira, já na infância o futuro inventor dava mostras de ousadia: ficou de cama por seis semanas depois de tentar voar com um guarda-chuva. O garoto acreditava que a energia do planeta poderia sustentá-lo no ar – coincidência ou não, a última patente requerida por Tesla, em 1928, era de um helicóptero. Em 1881, aos 25 anos, mudou-se para Paris, onde tomou conhecimento das pesquisas sobre eletricidade que aconteciam nos Estados Unidos, para onde partiu com a intenção de experimentar suas idéias.

Rapidamente Tesla conseguiu um posto como ajudante de Edison, que não demorou a perceber que seu assistente tinha idéias originais demais. Quando entraram em conflito por suas diferentes teorias, Edison chegou a eletrocutar diversos animais para provar que as correntes alternadas de Tesla eram perigosas.

Tesla não demorou a seguir seu próprio caminho. Ao romper com Edison, em 1887, fundou a Tesla Electric Company of New York, com investimentos de George Westinghouse. Assim pôde prosseguir com as pesquisas em que tentava comprovar que era viável construir um motor de corrente alternada. Na mesma época, ocorria uma concorrência pública para a licitação das obras em Niagara Falls. Na cabeça dos investidores, a dúvida era qual tipo de corrente utilizar, as contínuas de Edison ou as alternadas de Tesla. Westinghouse acabou se dando muito bem, já que a comissão decidiu pela teoria de Tesla, mais eficiente.

Com isso, nos anos seguintes, ele ganhou milhões graças à patente da invenção do jovem cientista, que não parava de ter idéias. Em 1891, ele desenvolveu a bobina Tesla, simplesmente a base para o rádio, a televisão e outros meios de comunicação sem fio. Em 1898, criou o "Barco Robô Teleguiado" (ver Box), um protótipo de submarino operado por controle remoto. Tesla então se deu conta de que a energia não dependia apenas de fios para ser transportada.

ENERGIA WIRELESS

Foi um período de glórias. Com o reconhecimento veio o dinheiro, utilizado na construção de um centro de pesquisas em Colorado Springs. Entre os ajudantes contratados, estava Guglielmo Marconi, mundialmente famoso pela invenção do rádio. No centro, Tesla construiu uma torre de 27 metros de altura, o "Transformador Amplificador", para prosseguir suas pesquisas com energia. O cientista desejava iluminar o mundo. E para tanto desenvolvera uma teoria, no mínimo, maluca. Faria uso do próprio planeta como condutor de eletricidade. Nas imediações de seu laboratório a grama brilhava, e os avisos de "Mantenha Distância" ajudaram a criar a aura de mistério que envolvia o cientista. Nos anos seguintes, a população do Colorado vivenciou momentos únicos. Durante a fase de testes, lâmpadas apagadas acendiam sozinhas em um raio de oito quilômetros, faíscas saíam do chão, chamas elétricas brotavam de torneiras abertas e cavalos levavam choques das próprias ferraduras. Até que em certa noite de 1899, a torre produziu a maior descarga elétrica que já atingiu o planeta, dez milhões de volts, causando a queima do gerador de energia de Colorado Springs.

Tesla, o Hacker da eletricidade

Com o prejuízo, os donos da empresa cessaram a colaboração com Tesla. Não mais forneceriam energia para as pesquisas. A medida só não foi pior porque eles não imaginavam o que o cientista desejava fazer: iluminar gratuitamente o mundo. Um ano antes de ver sua base de Colorado Springs à beira da falência ele escreveu: "O objetivo de aperfeiçoar um método de transmissão de energia elétrica por meio natural levou-me a reconhecer três importantes necessidades: primeiro desenvolver um transmissor de grande potência; segundo, aperfeiçoar meios para individualizar e isolar a energia transmitida; e, terceiro, determinar as leis de propagação das correntes através da Terra e da atmosfera." Tesla queria controlar a energia e, para tanto, estava desenvolvendo um circuito gerador único, capaz de realizar a transmissão de energia elétrica sem fios.

UTOPIA ANTICORPORATIVA

A utopia de energia gratuita para todos não era nem um pouco interessante para as companhias de energia elétrica. Foi aí que Tesla teve uma idéia. Disfarçaria a pesquisa com um projeto de comunicação global para substituir o telégrafo. Foi assim que convenceu J.P. Morgan, na época o homem mais rico dos Estados Unidos, a investir US\$ 150 mil na construção de um radiotransmissor para enviar sinais para a Europa. Ainda que tivesse os meios para realizar esse feito, não era esse o objetivo. Quando, em 12 de dezembro de 1900, seu antigo estagiário Marconi aplicou sua teoria, utilizando-se de sua bobina, inventada quase uma década antes, Morgan ficou possesso. Tesla abandonou os experimentos com rádio para desenvolver o projeto de energia sem fios.

Sem dinheiro, ele não sabia como prosseguir a pesquisa a não ser dizendo a verdade ao investidor, para pedir mais verba. Como energia elétrica gratuita não parecia algo lucrativo, J.P. Morgan não apenas não renovou o empréstimo, como cobrou de Tesla os US\$ 150 mil que havia emprestado para a construção da torre Wardenelyffe, em Long Island. Era o fim do sonho de energia para o mundo e também o início da decadência.

INFERNO NA TERRA

O ano de 1904 provavelmente foi um dos piores na vida de Tesla. O cientista declarou à imprensa o fim dos experimentos em Wardenelyffe. Meses depois, a companhia elétrica de Colorado Springs o processava pela queima do gerador, ocorrida cinco anos antes. Seu laboratório foi demolido para que a sucata pagasse os US\$ 180 dólares que ele lhes devia de multa. No ano seguinte, seu advogado o processou pelo não-pagamento de um empréstimo. C.J. Dunffner, um ex-funcionário, também entrou na justiça por falta de pagamento de salários. Todo o equipamento de Colorado Springs foi vendido para cobrir despesas.

Sem dinheiro, abalado pelo sucesso de Marconi e pelo assassinato a tiros de Stanford White, amigo e arquiteto responsável pelo projeto de Wardenelyffe, Tesla sofreu um esgotamento nervoso em 1906. Desacreditado, o gênio apostou todas as suas fichas na comprovação da possibilidade de construir um acelerador de partículas, uma arma de defesa capaz de aniquilar qualquer tentativa de ataque: O Raio da Morte. Ele tentou, sem sucesso, vender a idéia a J.P. Morgan e aos militares americanos.

Tesla, o Hacker da eletricidade

Sem dinheiro, adotou outra estratégia, concedendo entrevistas com o intuito de chamar atenção para suas idéias. Em 1915, a propriedade do laboratório de Wardenelyffe foi transferida para o Waldorf-Astoria, como garantia do pagamento das diárias do hotel em que ele vivia em Nova Iorque. Dois anos depois, a torre foi vendida como sucata. Em suas colaborações com a imprensa, Tesla tentava defender publicamente sua teoria sobre a energia elétrica sem fio. Em carta, de 1915, ao editor do The New York Times ele escreveu: "é perfeitamente possível transmitir energia elétrica sem fios e produzir efeitos destrutivos à distância. Quando inevitável, o transmissor pode ser utilizado para destruir propriedade e vida". Esta afirmação pública leva a crer que o Raio da Morte é consequência dos experimentos com a transmissão de energia sem fio.

INSPIRAÇÃO PARA FICÇÃO

Por causa de suas invenções pouco comuns, Nikola Tesla foi ridicularizado no fim da vida, graças a declarações segundo as quais tanto a energia sem fio como o raio da morte eram viáveis e reais. Em 11 de julho de 1934, o The New York Times publicou uma matéria intitulada "Tesla, aos 78 anos revela o novo 'Raio da Morte'. Invenção poderosa o suficiente para destruir 10 mil aviões a 400 quilômetros de distância é o que afirma. Apenas uma arma defensiva. Cientista, em entrevista, diz: "meu o aparelho matará sem deixar vestígios!" Com idéias fantásticas como naves antigravidade e máquinas de fotografar pensamentos, Tesla tornou-se inspiração para a ficção – parecia natural que a maioria das pessoas o tomassem como louco.

Na década de 40, surgiram os primeiros filmes com o personagem do "cientista maluco". Entre eles, The Death Ray (O Raio da Morte), de 1941, além do clássico seriado Flash Gordon. Tesla também esteve nos quadrinhos, enfrentando ninguém menos que o Superman. Em setembro de 1941, foi publicado The mad scientist (O Cientista louco), que aterrorizava Nova Iorque com o raio da morte.

Em episódios seguintes, como The Mechanical Monster (O mostro mecânico) e Magnetic Telescope (Telescópio magnético), Tesla aparece novamente retratado na ficção. Incompreendido como todos os gênios, Nikola Tesla faleceu em um quarto de hotel, em Nova Iorque, no dia 7 de janeiro de 1943. Junto a ele, somente os pombos que adorava. Estava falido e desacreditado. Como é comum para os gênios, não foi ouvido em seu tempo, apesar de ter tido seus momentos de glória, como quando venceu a disputa da eletricidade com Thomas Edison. Hoje, a imagem de cientista maluco está sendo revista e paira sobre suas invenções um certo suspense. Ninguém nunca ousou testar o raio da morte, ou a energia sem fio. Mas logo após a Segunda Guerra Mundial, o governo americano enviou, a pedido da família de Tesla, 17 baús que continham boa parte do trabalho desenvolvido por ele. Esse material atualmente compõe o Museu Tesla, em Belgrado. Aos poucos, os livros de história estão incluindo seu nome junto ao de Marconi, dando-lhe crédito pela invenção do rádio. Curiosamente, o reconhecimento post mortem não inclui pesquisas sobre as invenções mais inusitadas do brilhante cientista. Ao menos publicamente...

Tesla, o Hacker da eletrecidade

O RAIO DA MORTE

Na manhã de 30 de junho de 1908, uma explosão em Tunguska, na Sibéria, devastou dois mil quilômetros de floresta. Os estrondos foram ouvidos em um raio de quase mil quilômetros. A explosão que, segundo cientistas, teve uma potência duas mil vezes maior que a bomba atômica lançada sobre Hiroshima, em 1945, é normalmente atribuída a uma chuva de meteoritos ou à queda de pedaços de um cometa. Alguns pesquisadores, entretanto, acreditam que o evento teria sido um teste do Raio da Morte de Tesla. Se a ativação de energia de Colorado Springs foi capaz de destruir o gerador elétrico da região, de que seria capaz a torre de Wardenclyffe? A ligação entre o Raio da Morte e o mistério de Tunguska estaria baseada na hipótese de que Tesla errou o alvo durante o teste. Com o intuito de provar sua tese, alguns biógrafos do cientista acreditam que seu objetivo era impressionar Robert Peary, o primeiro homem a chegar ao Pólo Norte, e que na época estava a cerca de 1.100 quilômetros da Sibéria, na base de Ellesmere Island, no Oceano Ártico. A imprensa que acompanhava a aventura jamais iria duvidar da palavra de Peary caso ele relatassem uma explosão no gelo. Aos 81 anos, em um almoço com os ministros da Iugoslávia e da Tchecoslováquia, Tesla teria afirmado que "o raio da morte não se trata de um experimento. Eu o fabriquei, demonstrei e utilizei. Dentro em breve eu o apresentarei ao mundo."

Originalmente publicado na revista Geek:

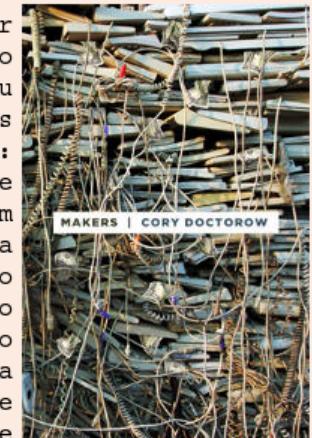
http://www.geek.com.br/modules/edicoes/ver_conteudo.php?idc=26

Fazedorxs

original em <http://desvio.weblab.tk/blog/fazedorxs>

por Efeefe

Aproveitei o carnaval para terminar de ler Makers[1], que eu já tinha mencionado no post do debate sobre Gambiologia[2]. Eu fiquei sabendo do livro via twitter (mas não lembro através de quem), em novembro: alguém comentou que o próximo livro de Cory Doctorow[3] sairia também em episódios semanais no Tor.com. A única coisa que eu tinha lido dele até então eram alguns posts no Boingboing [4] e o Scroogled (em português aqui). O primeiro episódio[5], que já começa dedicado a "quem toma riscos, xs fazedorxs de coisas". Li no site até o terceiro e gostei. Fui lá na amazon e encomendei o livro antes mesmo de ser lançado. Ele chegou aqui em Ubatuba no começo de dezembro. Resolvi deixá-lo de lado para ler no meu recesso de fim de ano, mas o reveillon molhado[6] não me deixou muito tempo pra isso. Acabei pegando pra ler mesmo só nas últimas semanas. Apesar de situado em um contexto bem diferente - Estados Unidos, empreendedorismo capitalista, toda aquela coisa - eu me vi bastante (e à MetaReciclagem) em várias partes da história. Desde o começo, o lance de começar uma coisa despretensiosa, de amigxs compartilhando uma vontade simples - fazer coisas, construir estruturas sem pensar muito em resultados efetivos, descobrir. Depois, a busca de estrutura sem sucumbir à corporificação, à maneira mais aceita de viabilizar as coisas, refletida na tensão entre os fazedores e os executivos. Também o lance da rede, da replicação autônoma, dos esporos comunicantes mas auto-organizados surgindo, e a surpresa que eles causam.



Fazedorxs

A crítica ao consumismo e à indústria da obsolescência. O ativismo pelo uso pleno das tecnologias, o desvio do uso, a apropriação total. E claro, todo o lance de propriedade intelectual vs. cultura livre. Logo no começo, as esculturas de Perry e Lester me fizeram pensar nos monstros de 1,99 do Glauco Paiva[7]. E, por mais que o final tenha ficado meio solto, o último capítulo tem até uma partida de calvinbol, que simboliza ali a única coisa permanente na história - a sensibilidade do fazer, que tem muito a ver com o que aqui a gente tem chamado de gambilologia[8]. Também fiquei pensando na tradição brico/fazedora/hacker que é tão presente nas culturas norte-americanas, mas à qual eu nunca dei muita nostalgia dos tempos do galpão da MetaReciclagem no Agente Cidadão[9], e uma sensação de que algumas coisas nunca vão mudar, e de que fazer pouco também é fazer muito.



Fazedorxs

Ler sobre o cotidiano de Perry e Lester, suas sincronicidades e conquistas, seu afastamento e reencontro, sua amizade e complementaridade, também me fez pensar bastante no Dalton [10]. Saudades do tempo em que as coisas eram mais simples - ou era a gente que se preocupava menos? À história então... (pulando o parágrafo para quem quer evitar spoilers)...

... o livro abre numa época quase-agora, em uma coletiva de imprensa anunciando a fusão de Kodak e Duracell. O novo CEO, Landon Kettlewell, anuncia que toda a operação da nova empresa será substituída por times pequenos e inovadores. Após a coletiva, ele convida Suzanne Church, uma das jornalistas presentes, a acompanhar o trabalho de uma das equipes, que ocupa um Wal-Mart desativado na Flórida. Essa equipe é formada por Lester e Perry, dois fuçadores / fazedores / hackers que reusam brinquedos, eletrônicos e aparelhos para montar novos produtos: fazem esculturas para colecionadores, montam um carro operado por bonecos do Elmo (Sesame Street) e por aí vai.

Em pouco tempo, junta-se a eles Tjan, um administrador que vai ser responsável por transformar a criatividade deles em produtos vendáveis. Eles patinam um pouco, até que criam um sistema pra organizar as coisas em casa baseado em RFID, que vende milhões. Eles brincam também com impressoras 3D. Em algum tempo, Tjan vai para a concorrência. Todo um mercado - chamado "New Work" - é criado. No meio-tempo, mais algumas coisas aconteceram - eles ajudaram a desenvolver uma favela para os sem-teto do outro lado da estrada que tinham sido desalojados, o que vira um laboratório vivo. Eles envolvem o pessoal da favela em algumas coisas. Até que a bolha estoura e todo mundo cai.

Passam-se alguns anos. Lester e Perry montaram um "ride", que não sei bem como traduzir - como as atrações dos parques da Disney - onde estão expostos pedaços de seus antigos projetos. Os visitantes podem votar nas peças que gostam ou não, e o parque se rearruma sozinho. Kettlewell e Tjan estão aposentados, Suzanne viveu esse tempo na Rússia. Em determinado momento, eles se reunem. Tjan decide replicar o ride em Boston. Outros rides começam a surgir, de forma emergente, em outras partes do país. Perry e Lester construiram um protocolo pelo qual os diferentes rides podem modificar a composição uns dos outros. Em meio a tudo isso, aparece Sammy, um executivo da Disney que, enciumado pelo sucesso dos hackers, passa a tentar sabotá-los, de forma cada vez mais grave. Ele processa os rides com base em direito autoral, o que dá base para a polícia destruir alguns deles. Kettlewell e Tjan bolam uma estratégia para se contrapor ao tamanho da Disney - criando um mercado que especula contra ações na justiça. Até um toque tupiniquim aparece - da noite para o dia surgem 50 rides no Brasil, sem ter contato com ninguém. Enquanto isso, Sammy faz coisas terríveis até que tem uma ideia que salva sua carreira - transformar impressoras 3D em produtos domésticos, imprimindo peças da Disney. Em pouco tempo, Lester invade o firmware das impressoras para imprimir o que quiser. A Disney fica a um passo de um ataque ainda mais forte, quando aparece uma solução que acaba com toda a tensão entre a empresa e as pessoas - e também faz todo mundo ficar amigo de novo, etc.

Mais quinze anos se passam, os amigos se reencontram e - como mencionei lá em cima - o livro termina com uma partida de Calvinbol!

Fazedoxs

Ofim do livro deixa algumas pontas soltas: não me convenceu de estar resolvida a situação com Death Waits, e acho que Doctorow passou a gostar de Sammy e foi amansando ele. Mas enfim, valeu por vários outros motivos. Recomendo a leitura.

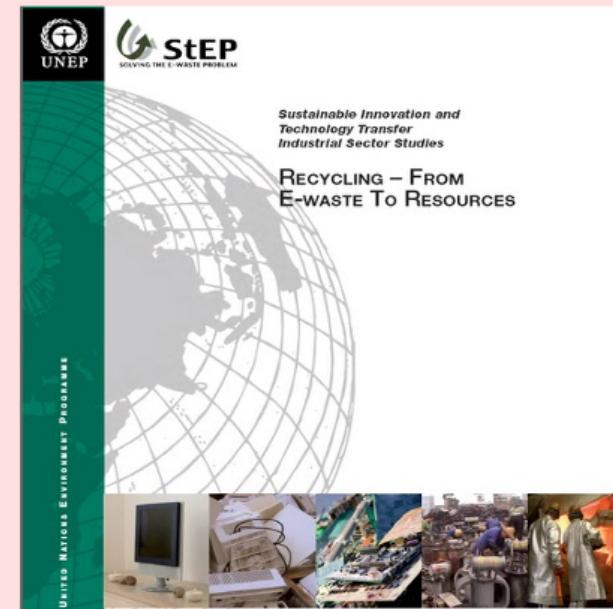
- [1] <http://craphound.com/makers/>
- [2] <http://desvio.weblab.tk/blog/debate-gambiologia-na-campus-party>
- [3] <http://twitter.com/doctorow>
- [4] <http://boingboing.net/>
- [5] http://www.tor.com/index.php?option=com_content&view=blog&id=35734
- [6] <http://eefefe.no-ip.org/tag/chuvas>
- [7] <http://desvio.weblab.tk/desviantes/glaupaiva>
- [8] <http://desvio.weblab.tk/tag/gambiologia>
- [9] <http://rede.metareciclagem.org/wiki/AgenteCidadao>
- [10] <http://daltonmartins.blogspot.com/>

ONU: Brasil tem maior produção per capita de lixo eletrônico e baixa prioridade da indústria e governos

original em <http://www.lixoeletronico.org/blog/onu-brasil-tem-maior-producao-capita-de-lixo-eletronico-e-baixa-prioridade-da-industria-e-gover>

por Felipe Andueza

Seguido do México e da China (0.4 kg/cap.ano), o Brasil (0.5 kg/cap.ano) é o maior produtor per capita de resíduos eletrônicos entre os países emergentes, segundo o mais recente estudo da ONU sobre o tema. O Brasil também foi cotado como campeão em outro quesito: faltam dados e estudos sobre a situação da produção, reaproveitamento e reciclagem de eletrônicos: China, Índia, Argentina, Chile, Colômbia, Marrocos, África do Sul e até mesmo o México realizam e centralizam mais informações sobre a gestão de resíduos eletrônicos em seus países que nós; parafraseando um famoso jornalista, isso é vergonhoso!



ONU: Brasil tem maior produção per capita de lixo eletrônico e baixa prioridade da indústria e governos

A falta de uma lei nacional sobre resíduos eletrônicos é vista como um dos principais obstáculos para uma gestão eficiente do lixo eletrônico no país, reforçando nossos argumentos do Manifesto do Lixo Eletrônico[1]. Entre outros aspectos analisados, o extenso estudo procurou identificar os principais problemas e oportunidades na gestão pública e industrial do lixo eletrônico, como o parque industrial de reciclagem, mercado informal, investimentos em inovação e transferência de tecnologia.

Nas conclusões sobre nosso país, o estudo afirma claramente que "... os resíduos eletrônicos não parecem ser uma prioridade para as associações federais representativas da indústria eletrônica...". A correspondente associação brasileira da indústria eletrônica é a ABINEE[2] (Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica), que ainda não divulgou nenhum comunicado sobre a "bronca" documentada que levou no estudo ONU em seu site. O Brasil é classificado juntamente com África do Sul, México, entre outros, no GRUPO C, ou seja, países com bom potencial para adaptar modelos mais sustentáveis na pré-fabricação de eletrônicos, alguns processos no final de ciclo de vida, se forem realizados investimentos em mudanças tecnológicas e trocas de conhecimentos e inovação, além de integração comercial regional.

O potencial industrial de reciclagem de eletrônicos em seus ciclos finais de vida é insuficiente para a demanda própria de produção desses resíduos em quase todos os países emergentes. Segundo o estudo, somente grandes economias emergentes como Brasil, China, Índia, México e África do Sul poderiam integrar diversas indústrias, de recicadoras de metais ferrosos às de plásticos e tóxicos, a nível regional.

Especificamente na América do Sul, o Brasil, seguido do Chile, são os que apresentam melhores condições de integrar um parque industrial de reciclagem de eletrônicos. Uma das principais oportunidades econômicas é a integração da indústria do aço no ciclo da reciclagem de eletrônicos, tendo o Brasil um potencial destacado nesse cenário, uma vez que é o maior produtor de aço do mundo, e um dos maiores de resíduos eletrônicos em números absolutos, além da possibilidade da comercialização regional com países vizinhos. Segundo pesquisas anteriores citadas no estudo, 36% do aço produzido no mundo é feito a partir de resíduos do "ferro-velho".

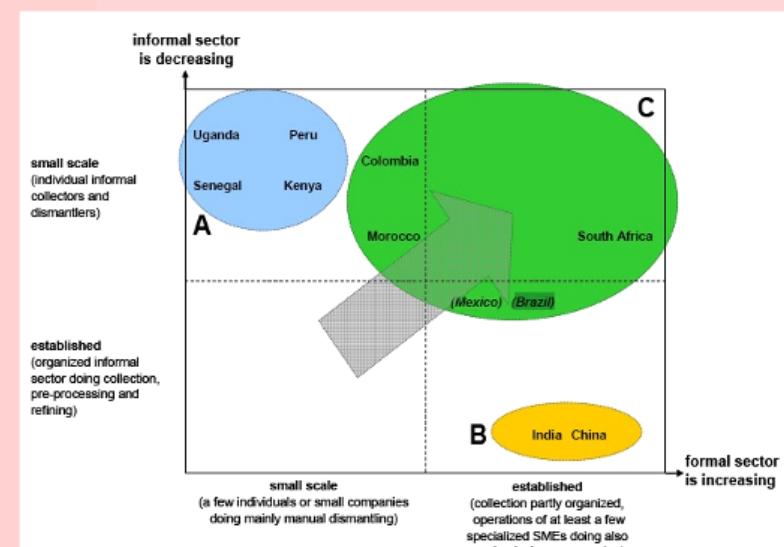


Figure 18: Comparative analysis of selected developing countries regarding the dimension of the formal and informal e-waste recycling sector

ONU: Brasil tem maior produção per capita de lixo eletrônico e baixa prioridade da indústria e governos

Na figura podemos ver a relação entre crescimento do mercado informal e formal de reciclagem de eletrônicos. O estudo referido da ONU é realizado pela UNEP[3] - Programa Ambiental das Nações Unidas e da ONG StEP[4] - Solving the E-Waste Problem e encontra-se anexado ao fim do post.

[1] <http://www.lixoeletronico.org/manifesto>

[2] <http://www.abinee.org.br/noticias/index.htm>

[3] <http://www.unep.org/>

[4] <http://www.step-initiative.org/>

O homem que cultivava água

original em <http://penacultura.blogspot.com/2010/02/o-homem-que-cultivava-agua.html>
copiado na íntegra com a permissão do blog "Tudo sobre plantas[1]"

por Flavia Cremonesi

E não foi à toa que optei por colocá-lo integralmente aqui, basta ler para entender, trata-se de uma história linda de amor, conexão e observação dos padrões da Natureza! Em brincadeira com uma amiga, também permacultora... eu disse: "O Bill Mollison deve ter feito o curso de permacultura com ele...rsrsrsr" - Ela então caiu na gargalhada e concordou!!

Então, fica o convite para saborear a história:



"Viajando pelo sul da África neste verão (1995) ouvi falar de um homem que cultivava a Água.

Parti à procura sem idéia clara do meu rumo. Me encontrei num ônibus folclórico abarrotado, atravessando ruidosamente o interior do sul de Zimbabwe a uns 30 km por hora.

A paisagem era bela: colinas suaves de capim amarelo em terra vermelha, com muitas de árvores retorcidas, às vezes em forma de guarda-chuva. Cochilei até, nove horas depois, chegarmos na região mais seca de Zimbabwe.

O homem que cultivava água

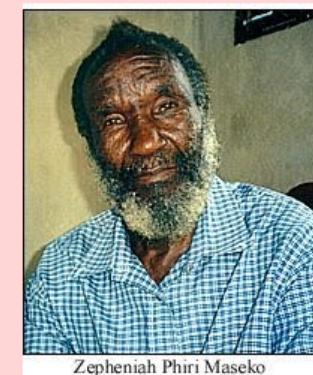
Do topo da colina de vegetação semidesértica, avistamos uma campina imensa de colinas onduladas cobertas de capim seco e afloramentos de granito; poucas árvores. Lembrei da campina aberta do sudoeste de Arizona. De fato, tudo era coroado por um céu azul límpido como aqueles do sudoeste árido dos EUA. O ônibus adentrou vagarosamente a campina seca e parou no lugarejo de Zvishavane. Aqui mora o cultivador de água.

Enquanto o sol se punha, procurei um lugar para estender o saco de dormir, e adormeci. Na manhã seguinte, peguei carona com a diretora do CARE Internacional. Ela me levou a uma fila de casas térreas. Uma destas era o escritório simples do Projeto de Recursos de água de Zvishavane (Zvishavane Water Resources Project (ZWRP)). Lá, na varanda, estava sentado o cultivador de água, lendo a Bíblia.

Na minha chegada ele se levantou com um sorriso enorme e saudações cordiais. Aqui, finalmente, estava Sr. Zephania Phiri Maseko. Ao descobrir a distância que eu percorrera, ele desatou a rir maravilhosamente. Me contou que ultimamente chegam visitantes de todos os pontos do globo, quase diariamente. Mesmo assim, cada um é uma surpresa.

No jipe, atravessamos as solavancos as estradas de terra erodidas rumo ao seu sítio, enquanto Sr. Phiri falava, ria, e gesticulava, contando infináveis analogias e histórias poéticas. A melhor de todas é a dele.

Em 1964, foi dispensado do seu emprego na ferrovia por estar politicamente ativo contra o governo branco rodesiano. O governo alertou que nunca mais trabalharia em nenhuma função. Tendo que sustentar uma família de oito, Sr. Phiri recorreu as duas coisas que tinha: uma propriedade familiar de 3 hectares, e a Bíblia.



Zephania Phiri Maseko

Ele não usa a Bíblia somente como guia espiritual – usa como manual de jardinagem. Ao ler a Gênesse, viu que tudo de que Adão e Eva precisavam era suprido pelo jardim de Éden. "Assim", pensou, "preciso criar meu próprio Jardim de Éden". Mas se deu conta que Adão e Eva tinham os rios Tigre e Euphrates na sua região. Não tinha nem sequer um riacho intermitente. "Então," pensou Sr. Phiri, "preciso também criar meus próprios rios." Ele fez ambos.

O seu sítio fica nas encostas de uma colina, voltado p/ N-NE (lembrando que este é o hemisfério sul). No topo da colina há um afloramento grande de granito, onde a água das enxurradas escorre livremente. A precipitação anual média é de 570 mm (um pouco acima de 22 polegadas), mas, como ele aponta, é uma média baseada em extremos. Muitos anos são de seca, quando a terra tem sorte se recebe 12 polegadas (270 mm) de chuva.

No começo era muito difícil desenvolver as culturas, muito mais lucrar delas, devido às secas freqüentes e falta total de equipamento ou capital para irrigar a partir do lençol freático.

Ele dedicou tempo observando o que acontecia quando de fato chovia. Em pequenas depressões e no lado superior das rochas e das plantas, a umidade do solo durava mais do que em áreas onde a água escoava livremente. Assim começou a auto-educação e o trabalho de coleta de água de chuva. Ao longo de 30 anos, Sr. Phiri criou um sistema sustentável que preenche todas as suas necessidades em água só com a chuva.



O homem que cultivava água

"Tem que começar a captação no alto, e sarar as voçorocas jovens antes das velhas e profundas rio abaixo," diz Sr. Phiri. Começando no topo da divisória de águas, ele construiu muros de pedra seca aleatoriamente mas nas linhas de contorno. Tendo funções similares aos gaviões [cestas quadradas de arame preenchidas de rochas utilizadas para captar água e sedimentos em grandes vossorocas, NT], estes muros diminuem a velocidade do fluxo de água de tempestades, que atravessa lentamente os espaços entre as pedras. Assim, amansa-se o fluxo de água saindo da redoma do afloramento de granito, direcionando-a para reservatórios permeáveis, que, como tudo na propriedade, foram construídos com ferramentas de mão e o suor de Sr. Phiri e suas duas esposas.

O maior dos dois reservatórios ele chama o seu centro de imigração. "É aqui que dou as boas-vindas para a água em minha propriedade e depois a direciono para onde residirá no solo", ele explica, rindo. "O solo," explica, "é como uma lata. A lata precisa segurar toda a água. Vossorocas e erosão são como buracos na lata que permitem que a água e a matéria orgânica escapem. Estes precisam ser tapados." O "centro de imigração" serve também de medidor de chuva, porque sabe que se encher três vezes durante uma estação, infiltrou chuva suficiente até o lençol freático para durar dois anos.

O reservatório menor direciona a água via uma manilha para uma cisterna livre de ferro-cimento que alimenta o quintal durante as secas. Tem outra cisterna de ferro-cimento, sombreada por um pé de maracujá luxuriante, que capta a água do telhado. Além destas duas cisternas, todas as estruturas de captação de água na propriedade visam infiltrar a água no solo o mais rápido possível.

O homem que cultivava água

Perto da casa há uma pia externa onde as águas servidas escoam para uma cisterna subterrânea, forrada de pedras secas, onde a água rapidamente se infiltra. Do topo da divisória de águas até o fundo existem várias estruturas para a captação de água como represas de retenção, gaviões, terraços, valas de infiltração ("swales") e "covas de fruição".

O governo colocou valas de escoamento na região toda muitos anos atrás, mas feitas fora das linhas de contorno, para acabar com a erosão em lâminas, levando a água das tempestades para um dreno central. O problema de erosão resolveu-se, mas as terras acabaram sendo roubadas da sua água. Assim, Sr. Phiri cavou grandes "covas de fruição" de 10x6x4 pés no fundo de todas as suas valas. Quando chove, a água enche a primeira cova e o excedente enche o seguinte, continuando assim até os limites da propriedade. Muito depois do fim da chuva, a água continua nas covas, infiltrando no solo.

Em volta das covas capins grosseiros são cultivados para controle de erosão, para cobertura das casas, e venda. Muitas árvores frutíferas vigorosas foram plantadas pelo Sr. Phiri ao longo dessas valas para fornecer alimentos, sombra, e quebra-ventos. São alimentadas estritamente pelas chuvas e o lençol freático, que vai se aproximando da superfície.

Como Mr. Phiri explica: "Cavo valas e covas de fruição para plantar a água para que possa germinar em outro lugar." "Ensinei o meu sistema às árvores," continua. "Elas entendem-no e à minha linguagem. As coloco aqui e digo 'Olha, a água está aqui. Vão à procura.' Nenhuma bacia nem divisória para segurar ou negar a água é colocada em volta delas; as raízes são encorajadas a se esticarem e encontrar a água.

Uma mistura diversa de culturas não híbridas como abóbora, milho, pimenta, berinjela, taboa para cestas, tomate, alface, espinafre, ervilha, alho, feijão, maracujá, manga, goiaba, e mamão, juntamente com árvores nativas como matobve, muchakata, munyisi e mutamba, são plantadas entre as valas.

Esta diversidade oferece segurança alimentar porque na falha de alguma cultura devido à seca, doença, ou praga, outras sobreviverão. A utilização de culturas não híbridas garante que Mr. Phiri possa colecionar, selecionar, e utilizar as suas próprias sementes de um ano para outro.



A multicolored grasshopper hides among the bean plants that Phiri plants to fix nitrogen in the soil

Há uma abundância de plantas fixadoras de nitrogênio. Guandu é um exemplo, e serve também para forragem e cobertura morta. Sr. Phiri percebeu que solos fertilizados quimicamente não infiltram nem seguram água muito bem. Como diz: "Você aplica o fertilizante um ano, e não no ano seguinte, as plantas morrem. Você aplica esterco e plantas fixadoras de nitrogênio uma vez, e as plantas continuam a prosperar vários anos em seguida. Solo fertilizado quimicamente é amargo."

Os alimentos e as frutas que Mr. Phiri produz estão longe de serem amargos. Ele tem sido generoso na sua abundância, dando mudas de árvores para quem quisesse. Infelizmente, como ele mesmo aponta, a maioria das árvores que ele doa morrem se não foram implementadas as técnicas de coleta de água antes do plantio. Ele propaga as árvores em sacos velhos de arroz e grãos perto de um dos poços a céu aberto no fundo da propriedade.

Ele descreve os poços com outra analogia: "A água é como o sangue – é sempre atraída à ferida. As vossorocas são feridas. O sangue vai até a ferida para saná-la. Se faz com gaviões e valas de infiltração onde a vossoroca se enche de solo fértil." Com este conhecimento, Mr. Phiri cavou três poços no fundo da sua propriedade sabendo que a água coletada no seu terreno se infiltraria no solo e acharia seu caminho até as feridas no fundo da propriedade.

O solo é sua bacia de captação. No tempo da seca, os poços dos vizinhos secam (mesmo os mais profundos do que os dele) e mesmo assim os seus poços sempre contêm água "em que posso mergulhar os dedos", porque ele repõe de longe mais água dentro do seu solo. Com a exceção de um poço que é forrado e munido de uma bomba manual para água de uso doméstico, os outros são forrados com pedras secas. "Estes poços" ele explica, "são aqueles do homem generoso. A água vem e vai como quiser, porque, como você vê, no meu terreno ela se encontra em todo lugar."

O homem que cultivava água



Em tempos de seca severa, Sr. Phiri tira água destes poços para irrigar culturas anuais nos campos vizinhos. Ele utiliza uma bomba conhecida como Shaduf Egípcio, que não passa de uma bomba manual que utiliza um pneu velho de trator para bombeiar a água. Uma manivela abre e fecha a bexiga (o pneu) como um acordeão, criando a sucção necessária.



Um brejo natural luxuriante se encontra abaixo dos poços no ponto mais baixo da propriedade. Aqui Sr. Phiri pratica piscicultura em três reservatórios. Conforme os dois menores vão secando, os peixes são coletados ou realocados ao grande.

Éaqui onde Sr. Phiri instalou uma plantação densa de bananeiras! Terras secas de todo lado, mas na sua propriedade uma floresta de bananeiras! Cana de açúcar, taboa, e capins como capim-elefante também são plantadas nos embankamentos para segurar o solo.

O gado se beneficia desta vegetação densa, plantadas para filtrar a água antes que entre no reservatório. Esta forragem nobre é reservada para as vacas prenhas. No começo, Sr. Phiri teve de ir a três audiências por violar as leis que proíbem cultivo no brejo. Eram leis do tempo colonial. Finalmente, na terceira audiência, ele conseguiu convencer o juiz a visitar a sua propriedade. Ao ver o trabalho feito, o juiz arquivou a denúncia na hora.

No solo deste sítio fluem os rios "Tigris e Euphrates"; os reservatórios são o local onde afloram. O ciclo do Jardim do Éden do Sr. .Phiri, que começa a ser percebido depois de 30 anos obscuros e às vezes de desprezo, continua a crescer. Das últimas três décadas ele diz: "Claro, é um processo lento, mas é a VIDA. Lentamente implemente os projetos, e conforme a sua vida comece a rimar com a Natureza, logo outras vidas começam a rimar com a sua."



Banana trees, mango trees, and sugar cane at the farm of Zephaniah Phiri create a lush canopy that is unique for this dry area of Zimbabwe

O homem que cultivava água

Em conjunto com a ONG que criou, o Projeto Zvishavane de Recursos Hídricos, ele espalha suas técnicas. Influenciou a CARE Internacional na sua região ao ponto que, em vez de distribuir alimentos, eles agora implementam os seus métodos para que as pessoas possam plantar seus próprios alimentos.

Em conjunto com a ONG que criou, o Projeto Zvishavane de Recursos Hídricos, ele espalha suas técnicas. Influenciou a CARE Internacional na sua região ao ponto que, em vez de distribuir alimentos, eles agora implementam os seus métodos para que as pessoas possam plantar seus próprios alimentos.



Ele tem visitado escolas onde os professores estavam em greve devido à falta d'água e às condições difíceis em sala de aula empoeiradas e sacudidas pelos ventos. Ele ensinou os professores e estudantes a colher a água da chuva, e juntos transformaram as escolas em jardins luxuriantes, eliminando o motivo de greve. "Lembre que as crianças são as nossas flores," diz Sr. Phiri, "dê-lhes água, que crescem e dão flor."

O homem que cultivava água

O projeto de Mr. Phiri trabalha localmente (uma grande razão do sucesso). Mesmo assim o Projeto sempre precisa de fundos. Se você gostaria de ajudar, escreva ao Sr. Zephania Phiri Maseko:

Zephania Phiri
The Zvishavane Water Project
P.O. Box 118
Zvishavane, Zimbabwe
Phone: 263 51 3250

[1] <http://blog.tudosobreplantas.com.br/2010/01/26/o-homem-que-cultiva-a-agua/#comment-230> O projeto de Mr. Phiri trabalha localmente (uma grande razão do sucesso). Mesmo assim o Projeto sempre precisa de fundos. Se você gostaria de ajudar, escreva ao Sr. Zephania Phiri Maseko:

Zephania Phiri
The Zvishavane Water Project
P.O. Box 118
Zvishavane, Zimbabwe
Phone: 263 51 3250

[1] <http://blog.tudosobreplantas.com.br/2010/01/26/o-homem-que-cultiva-a-agua/#comment-230>

Laboratório Livre

original em <http://lablivre.wordpress.com/2010/02/11/laboratorio-livre/>

por Guima



O "laboratório livre" é uma das metodologias utilizadas no Metareciclagem para utilização/apropriação/ocupação de um espaço determinado. Atualmente, no esporo Metaprojeto-PJ, adotamos este meio como parte fundamental para o desenvolvimento/articulação/abstração (pq não?!) das oficinas que acontecem por lá.

Laboratório Livre

A ocupação de um determinado ambiente para que este se torne um laboratório de metareciclagem deve passar por uma processo de desestruturação de velhos conceitos sociais, tanto da parte de quem está articulando o espaço, como da parte dos que passam por ele. Por experiência já passei em alguns "espaços" onde as pessoas que o "pensam" esqueçam/ignoram que ele deve em primeiro lugar, oferecer um Espaço, não um circuito de atividades metódicas e fechadas, processos, grades e planos, onde todos os participantes parecem produtos de uma fábrica em processo de produção, não podem opinar sobre o que acham e nem são ouvidos para saber o que esperam ou querem deste lugar, mas, este velho conceito ainda perdura pelo tempo/espaço de nossas atividades práticas. É importante olharmos com atenção para este sintoma, pois é nesta atenção que reside a tênue linha que nos separa dos "burros processos" que tanto criticamos.

A ideia não é oferecer mais uma atividade com caminhos ou objetivos já traçados, mas sim, uma oportunidade/possibilidade, onde possam ocorrer experimentação, desenvolvimento, aperfeiçoamento, "matar curiosidades", brincar, hackear, etc. simplesmente um espaço aberto, um laboratório livre para aprendizado, de forma autônoma ou acompanhada, tanto faz, não há uma regra, apenas um movimento auto-organizado.

Talvez nós mesmos ainda não estejamos preparados para a Liberdade, nós mesmos, que estamos nessa linha de frente, ainda carregamos os velhos fardos de um movimento viciado. Precisamos nos desconstruir, então? Nós, os metarecicleiros?

Pois é, acho que esse é o primeiro passo, Fazer; em seguida, e junto com isso, teremos autoridade por experiência para Falar.

A mão na massa, o fazer, a prática, é o processo mais rico e nobre do movimento metareciclagem, e isso deve estar sempre ligado ao pensar, meditar, pirar, articular que tanto fazemos também, senão o processo se perde em uma abstração estéril.

Eu, pessoalmente, não acredito em invenções ou descobertas, mas sim em aprendizado, não acho que as pessoas descobrem alguma coisa, mas aprendem onde ela já estava, não acredito que inventem algo, acredito que elas aprendem como fazer as coisas que já existiam e quais são seus caminhos... Não acredito que inventamos ou descobrimos o "quebra-cabeça", apenas e simplesmente, aprendemos como montar ou desmontar estas "peças" que já existem, desconstrui-las e reformatá-las de outras maneiras tangíveis ao nosso próprio interesse.

...Na real, só precisamos soltar o que achamos que sabemos ... desapegar, tá tudo aí, basta a-prender...

"Numa reação química a massa se conserva porque não ocorre criação nem destruição de átomos. Os átomos são conservados, eles apenas se rearranjam. Os agregados atómicos dos reagentes são desfeitos e novos agregados atómicos são formados". — Lavoisier

No final de novembro de 2009, participei com @glerm[1] e @husk[2] do workshop[3] bioelectronics for artist, no piksel festival[4], sobre como transformar uma webcam num microscópio. Tinha chegado tarde na oficina mas tinha percebido que não era tão complicado pra fazer o hacking na câmera. Achei interessante a idéia de estudar movimentos microscópicos e transformar células e bactérias em objeto de fonte sonora, variável para efeitos de vídeo etc.



workshop em Bergen/Norway

Três meses depois, comecei a experimentar e criar um microscópio de uma webcam velha que tinha jogada aqui. Os passos não são difíceis.

microscópio diy bactéria

original em <http://rbrazileiro.info/>

por Ricardo Brazileiro

1. Primeiro você tem que abrir a webcam e tirar o chip com a lente.

2. Depois disso, é só abrir a lente e inverter sua posição, ou seja, pegar o filtro de luz visível que fica em contato com o sensor do chip e inverter com a lente, botando de cabeça pra baixo. Com isso a webcam vai buscar as imagens no infinito, sendo a parte interna a lente "ocular" e a externa "objetiva".

3. O terceiro passo é arrumar umas lâminas transparentes, uma seringa com agulha e uma luz pra colocar em cima da lâmina. A parte mais difícil é encontrar a melhor distância entre a lente, a lâmina e a luz. Isso será determinante pra você conseguir enxergar seres microscópicos.

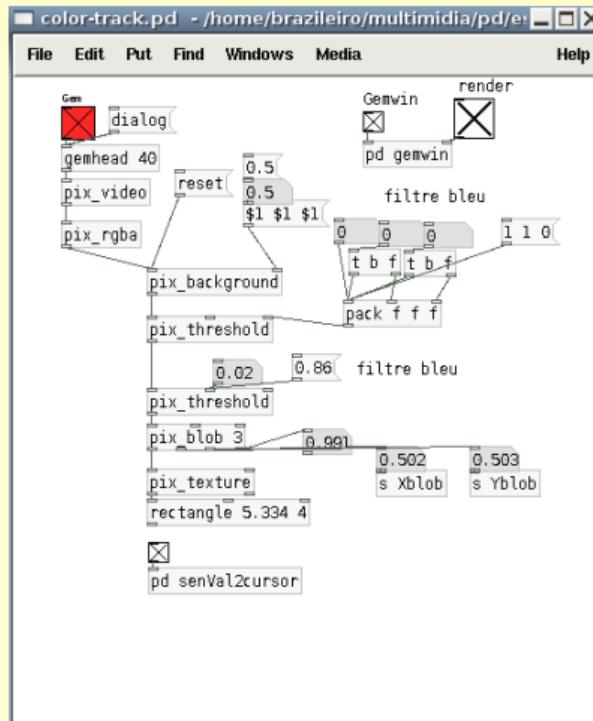


microscópio diy adaptado com caixas de madeira e 4 coroas norueguesas

microscópio diy bactéria

Não tem mistério. Abra a câmera normalmente utilizando seu programa favorito (pd, vlc, mplayer...) e veja as células e bactérias se movimentando pela lâmina.

Estou começando alguns estudos para implementar algo com esses movimentos de células, bactérias. Tentei abri a webcam utilizando o pdp_ctrack, no pure-data, mas estava travando o patch, acho que com erro de profundidade na imagem (pdp_v4l2: unsupported color model). Procurei solução com o Gem e parece que a mistura de pix_background com pix_blob faz o reconhecimento dos movimentos e calcular o centro de gravidade da imagem. Tem também o objeto pix_movement, mas não testei ainda.



```
#N canvas 785 167 448 492 12;
#X obj 37 -97 tgl 25 0 empty empty Gem 0 -6 0 8 -258699 -1
-1 1 1;
#X msg 73 -97 dialog;
#X obj 37 -10 pix_rgba;
#X obj 335 -103 tgl 30 0 empty empty empty 20 8 0 8
-262144 -1 -1 1
1;
#X obj 266 -93 tgl 15 0 empty empty empty 17 7 0 10
-262144 -1 -1 1
1;
#N canvas 0 0 450 300 gemwin 0;
#X obj 118 60 inlet;
#X obj 69 194 gemwin;
#X msg 69 113 create;
#X msg 85 146 destroy;
#X msg 186 148 dimen 800 600;
#X obj 118 85 sel 0 1;
#X obj 152 117 t f b;
#X obj 254 59 inlet;
#X connect 0 0 5 0;
#X connect 2 0 1 0;
#X connect 3 0 1 0;
#X connect 4 0 1 0;
#X connect 5 0 3 0;
#X connect 5 1 6 0;
#X connect 6 0 2 0;
#X connect 6 1 4 0;
#X connect 7 0 1 0;
#X restore 266 -71 pd gemwin;
#X text 336 -123 render;
#X text 264 -113 Gemwin;
#X obj 37 -68 gemhead 40;
#X obj 37 -42 pix_video;
#X obj 102 201 rectangle 5.334 4;
```

microscopio diy bacteria

```
#X obj 102 178 pix_texture;
#X obj 102 62 pix_threshold;
#X obj 251 50 pack f f f;
#X floatatom 244 -12 5 0 0 0 - - -;
#X floatatom 278 -10 5 0 0 0 - - -;
#X floatatom 312 -9 5 0 0 0 - - -;
#X obj 255 11 t b f;
#X obj 297 12 t b f;
#X obj 102 117 pix_threshold;
#X floatatom 152 95 5 0 0 0 - - -;
#X obj 102 26 pix_background;
#X msg 123 -49 reset;
#X msg 175 -26 \$1 \$1 \$1;
#X msg 175 -61 0.5;
#X floatatom 175 -42 5 0 0 0 - - -;
#X obj 102 144 pix_blob 3;
#X msg 212 91 0.86;
#X msg 371 -12 1 1 0;
#X text 259 92 filtre bleu;
#X floatatom 220 148 5 0 0 0 - - -;
#X obj 103 234 tgl 15 0 empty empty empty 0 -6 0 8 -262144 -1
-1 0
1;
#N canvas 415 240 288 328 senVal2cursor 0;
#X obj 78 120 - 0.5;
#X obj 187 99 - 0.5;
#X obj 136 98 tgl 15 0 empty empty empty 0 -6 0 8 -262144 -1
-1 0 1
;
#X obj 136 76 inlet;
#N canvas 708 87 235 408 cursor 0;
#X obj 52 213 alpha;
#X floatatom 155 116 5 0 0 0 - - -;
#X obj 92 75 inlet;
#X obj 126 75 inlet;
#X floatatom 109 122 5 0 0 0 - - -;
#X obj 52 157 translateXYZ;
#X floatatom 126 190 5 0 0 0 - - -;
#X obj 52 188 rotateXYZ;
#X obj 52 326 color;
#X obj 86 245 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-258699 -1
-1 0 1;
#X obj 94 245 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-24198 -1
-1 0 1;
#X obj 102 245 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-355 -1
-1 0 1;
#X obj 110 245 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-195568
-1 -1 0 1;
#N canvas 0 22 452 302 color 0;
#X obj 44 212 pack f f f;
#X msg 44 236 \$1 \$2 \$3 \$4;
#X obj 26 145 bng 15 250 50 0 empty empty empty 0 -6 0 8
-262144 -1
-1;
#X obj 41 144 t b f;
#X obj 41 35 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-258699 -1
-1 0 1;
#X obj 49 35 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-24198 -1
-1 0 1;
#X obj 57 35 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-355 -1 -1
0 1;
#X obj 65 35 vsl 8 50 0 1 0 0 empty empty empty 0 -8 0 8
-195568 -1
```

microscopio diy bacteria

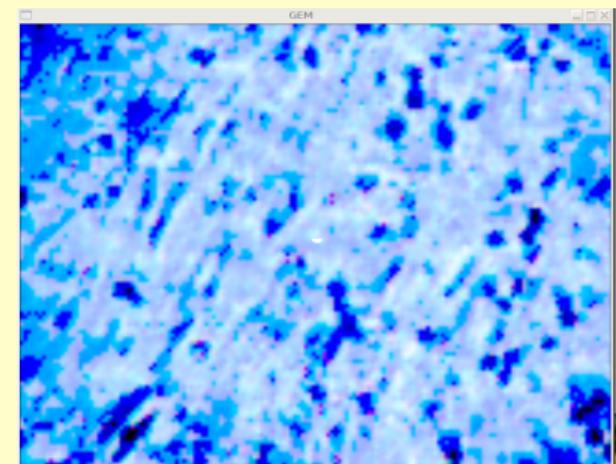
```
#X obj 63 167 t b f;
#X obj 86 189 t b f;
#X floatatom 77 86 5 0 0 0 - - -;
#X floatatom 67 101 5 0 0 0 - - -;
#X floatatom 53 115 5 0 0 0 - - -;
#X floatatom 35 129 5 0 0 0 - - -;
#X obj 17 7 inlet;
#X obj 52 7 inlet;
#X obj 87 7 inlet;
#X obj 122 8 inlet;
#X obj 44 261 outlet;
#X connect 0 0 1 0;
#X connect 1 0 18 0;
#X connect 2 0 0 0;
#X connect 3 0 0 0;
#X connect 3 1 0 1;
#X connect 4 0 0 0;
#X connect 4 0 13 0;
#X connect 5 0 3 0;
#X connect 5 0 12 0;
#X connect 6 0 8 0;
#X connect 6 0 11 0;
#X connect 7 0 9 0;
#X connect 7 0 10 0;
#X connect 8 0 0 0;
#X connect 8 1 0 2;
#X connect 9 0 0 0;
#X connect 9 1 0 3;
#X connect 14 0 4 0;
#X connect 15 0 5 0;
#X connect 16 0 6 0;
#X connect 17 0 7 0;
#X restore 142 311 pd color;
#X floatatom 92 335 5 0 0 0 - - -;
#X obj 52 95 ortho;

#X obj 52 353 circle 0.07;
#X obj 162 -2 inlet;
#X obj 52 25 tgl 15 0 empty empty empty 0 -6 0 8 -262144
-1 -1 0 1
;
#X text 52 371 cercle;
#X obj 144 273 r color;
#X floatatom 67 122 5 0 0 0 - - -;
#X obj 52 43 gemhead 45;
#X connect 0 0 8 0;
#X connect 1 0 5 3;
#X connect 2 0 5 1;
#X connect 3 0 5 2;
#X connect 4 0 5 2;
#X connect 5 0 7 0;
#X connect 6 0 7 3;
#X connect 7 0 0 0;
#X connect 8 0 16 0;
#X connect 9 0 13 0;
#X connect 10 0 13 1;
#X connect 11 0 13 2;
#X connect 12 0 13 3;
#X connect 13 0 8 1;
#X connect 14 0 16 1;
#X connect 15 0 5 0;
#X connect 17 0 18 0;
#X connect 18 0 22 0;
#X connect 20 0 8 1;
#X connect 21 0 5 1;
#X connect 22 0 15 0;
#X restore 77 177 pd cursor;
#X obj 78 75 r Xblob;
#X obj 187 73 r Yblob;
#X obj 187 119 * 8;
#X obj 77 142 * 8;
```

microscópio diy bacteria

```
#X connect 0 0 8 0;  
#X connect 1 0 7 0;  
#X connect 2 0 4 2;  
#X connect 3 0 2 0;  
#X connect 5 0 0 0;  
#X connect 6 0 1 0;  
#X connect 7 0 4 1;  
#X connect 8 0 4 0;  
#X restore 103 253 pd senVal2cursor;  
#X obj 276 179 s Xblob;  
#X obj 347 179 s Yblob;  
#X floatatom 347 161 5 0 0 0 - - -;  
#X floatatom 276 161 5 0 0 0 - - -;  
#X text 280 -39 filtre bleu;  
#X connect 0 0 8 0;  
#X connect 1 0 8 0;  
#X connect 2 0 21 0;  
#X connect 3 0 5 1;  
#X connect 4 0 5 0;  
#X connect 8 0 9 0;  
#X connect 9 0 2 0;  
#X connect 11 0 10 0;  
#X connect 12 0 19 0;  
#X connect 13 0 12 2;  
#X connect 14 0 13 0;  
#X connect 15 0 17 0;  
#X connect 16 0 18 0;  
#X connect 17 0 13 0;  
#X connect 17 1 13 1;  
#X connect 18 0 13 0;  
#X connect 18 1 13 2;  
#X connect 19 0 26 0;  
#X connect 20 0 19 1;  
#X connect 21 0 12 0;  
#X connect 22 0 21 0;
```

```
#X connect 23 0 21 1;  
#X connect 24 0 25 0;  
#X connect 25 0 23 0;  
#X connect 26 0 11 0;  
#X connect 26 1 36 0;  
#X connect 26 2 35 0;  
#X connect 26 3 30 0;  
#X connect 27 0 19 1;  
#X connect 28 0 13 0;  
#X connect 31 0 32 0;  
#X connect 35 0 34 0;  
#X connect 36 0 33 0;
```



Paralelo aos estudos e hacking no microscópio, estou pegando peso nas coisas mais teóricas de computação musical. Vai chegar um momento que essas linhas de pesquisa irão convergir e de repente pode sair alguma coisa integrada.

Se alguém encarar a correria, manda um retorno...

- [1] <http://twitter.com/glerm>
- [2] <http://www.estereotips.net/qeve/>
- [3] <http://piksel.no/ocs/index.php/piksel/piksel09/paper/view/94>
- [4] <http://www.piksel.no/festival/p09>
- [5] <http://lists.puredata.info/pipermail/pd-list/2009-06/070933.html>

Tudo aqui é livre.
Ainda não decidimos uma licença geral.

